

Belo Horizonte, Setembro/Octubro 2015
Edição nº 1.362
Secretaria de Estado de Cultura

SUPLEMENTO



Nascido sob o peso da poesia simbolista de seu pai, Alphonsus de Guimaraens, João Alphonsus tornou-se um dos grandes nomes da prosa brasileira da primeira metade do século passado. Em pouco mais de quatro décadas de vida, ele escreveu três livros de contos, dois romances e alguns poemas que afirmam o caráter de mineiridade e de universalidade da literatura produzida em Minas.

Mas, como costuma acontecer neste Estado tão pródigo em grandes escritores, a obra de João Alphonsus anda meio esquecida. Por isso, o **Suplemento Literário de Minas Gerais**, que já havia dedicado um número inteiro a ele há quase 50 anos, volta a homenageá-lo e a mostrar sua arte, e o faz através do depoimento inédito de seu sobrinho-neto Domingos Guimaraens, de dois dos seus mais importantes contos, um trecho do romance *Totônio Pacheco*, poemas avulsos — alguns deles jamais publicados — e de sua participação nos jornais da década de 1930, com uma crônica sobre futebol e outra saudando um novo colega de letras, uns dois anos mais jovem, que acabava de estreiar em livro: Carlos Drummond de Andrade. Outros ilustres contemporâneos seus também depõem aqui sobre ele: Henriqueta Lisboa, Pedro Nava e Paulo Mendes Campos, que quase não teve tempo de conhecê-lo.

SUPLEMENTO



Caricatura de João Alphonsus por Emílio Moura, 1942.



Apoio Institucional:

O SUPLEMENTO é impresso nas oficinas da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais

Suplemento Literário de Minas Gerais
Av. João Pinheiro, 342 – Anexo – CEP: 30130-180
Belo Horizonte, MG – Telefax: 31 3269 1143
suplemento@cultura.mg.gov.br

Governador do Estado de Minas Gerais
Secretário Estadual de Cultura
Secretário Adjunto de Estado de Cultura
Diretor-geral da Imprensa Oficial de Minas Gerais
Superintendente de Bibliotecas Públicas e Suplemento Literário
Diretor
Coordenador de Apoio Técnico
Coordenador de Promoção e Articulação Literária

Projeto Gráfico
Escritório de Design
Diagramação
Conselho Editorial

Equipe de Apoio

Jornalista Responsável
ISSN: 0102-065x

Fernando Damata Pimentel
Angelo Oswaldo de Araújo Santos
Bernardo Novais Mata Machado
Eugênio Ferraz
Lucas Guimaraens
Jaime Prado Gouvêa
Marcelo Miranda
João Pombo Barile
Plínio Fernandes
Gíria Design e Comunicação
Carolina Lentz - Gíria Design e Comunicação
Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza, Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques
Elizabeth Neves, Aparecida Barbosa, Ana Maria Leite Pereira, André Luiz Martins dos Santos, Daniela Andrade (estagiária)

Marcelo Miranda – JP 66716 MG

Textos assinados são de responsabilidade dos autores
Acesse o Suplemento online: www.cultura.mg.gov.br



JOÃO ALPHONSUS

O HOMEM NA SOMBRA OU A SOMBRA NO HOMEM?

DOMINGOS GUIMARAENS

*Quanto a mim, enquanto os outros procuram
uma certeza, eu permaneço na dúvida.
Eu sou do golpe da inquietude espiritual
bem explorada, com amarga lucidez, como diz o outro.*

João Alphonsus, entrevista ao Diário de Minas, 17/2/1929

O dia 15 de julho de 1921 foi doloroso para João Alphonsus. Chegou a casa e achou debaixo da porta um telegrama assinado por sua mãe. *Faleceu repentinamente, Zenaide.* Apenas isto, nada mais. Lembrou que as coisas em Mariana não iam bem, mas não imaginou notícia tão terrível. Morria seu pai, Alphonsus de Guimaraens. Antes das lágrimas já estava no trem vagaroso, a caminho de Mariana. Como deve ter sido penosa a viagem naquele antigo trem de ferro, lerdo, estridente. Já em 1918 não havia sido fácil se desgarrar do pai e amigo para concluir os estudos na capital. Mas nenhuma volta a Mariana tivera sabor tão amargo. Foi no caminho para casa relembrando os momentos vividos ao lado do pai que:

... era para os filhos um amigo mais velho, que durante horas conversava com eles num esquecimento de camaradagem¹ e, ao contrário do que sua poesia pode sugerir, era na intimidade um amigo risonho, pilhérico, confidente desde que botei calças compridas. Conversávamos longas horas. Um detalhe, muito importante naquele tempo, marca o grau de intimidade: conversávamos fumando, me dava cigarros seus. Situação excepcional para um filho, numa cidade tradicionalista.²

Ainda não se conformava com a morte do pai, logo ele que poucos anos antes havia escapado da matadora epidemia de gripe espanhola. Em carta o Velho Alphonsus relatou o desespero da cidade de Mariana com a doença:

João, Zenaide recebeu ontem a tua carta e em um cartão do Artur. Admiras que escrevesse a este pedindo-lhe notícias, quando tinhas passado seis dias sem mandar uma linha... É boa. Os remédios cá não chegaram nem os colarinhos do Albino. Com certeza a tal servente esqueceu-se de pô-los no correio. O sr. Gomes e o Duarte continuam enfermos, já convalescentes. O médico mandado pelo Governo (Raphael Sebas) esteve ontem aqui (...). Albino já está de pé, mas não pode sair ainda à rua, tão fraco está. Hoje amanheceram doentes Affonsina, Kinita e Acydalia, sem gravidade. Parece-me que a tal gripe tem de visitar cada um de nós. Felizmente Zenaide e eu estamos fortes por enquanto, e praza aos céus que assim seja por muitos dias, principalmente para ela, que é a enfermeira de todos. Embora em declínio a espanhola continua a fazer vítimas. Segundo me disse o Cornélio, que é quem faz o registro de óbitos, o nº destes é de 25. Não tem morrido pessoas do nosso conhecimento, porque os falecidos são em sua maioria trabalhadores das minas, já contaminados por moléstias pulmonares. Têm morrido também algumas crianças, entre as quais um filho do João Bertinho, de 8 anos. (...) Teu Pai que te abençoa e abraça Affonso. PS: É uma doença que não avisa: a Sylvia que amanheceu boa, a essa hora que te escrevo (11 da manhã) já foi pra cama.³

João pensava em sua amizade com o pai, em todos os cuidados do pai com sua poesia e com sua ida para Belo Horizonte. E agora? Mesmo na distância ele se fazia presente. Como faria sem receber as edições



João Alphonsus e seu filho, João.

do *Germinal*, periódico marianense no qual o velho Alphonsus escrevia? Como seria agora ser o homem mais velho de uma família de 14 filhos? Sentiu-se só, completamente só.

Lembrou-se das tantas cartas trocadas com a família nesses anos de distância. A primeira enviada pelo pai em 14/4/1918, perguntando suas impressões sobre Belo Horizonte, letra miúda e apertada no pequeno cartão de visita de Affonso Henriques de Guimarães (sic):

João, Vai a apresentação para o dr. (palavra ilegível). Se já passeaste pela cidade, deve estar bem modificada a impressão que tiveste da B. Horizonte, que realmente é belíssima. La mas hermosa ciudad hei visto, disse-me o nosso [] d. Nicolás. Tua mãe responder-te-á depois. Saudades.4 Teu pai, Affonso.

Alguns dias depois a saudade da mãe também aparecia em carta:

Querido filho. Anteontem recebi a sua cartinha que me deu grande prazer, pois reconheço que não te esqueces um só momento da sua família. Creia, querido João, que o mesmo sucede conosco, o seu nome é constantemente repetido por todos e até o Nazareno, quando se lhe pergunta pelo padrinho, corre e mostra a escada, como se dissesse: Foi por aqui que ele saiu para ir-se embora. Na porta do corredor Affonso pintou uma sua caricatura e todas as vezes que ele por ali passa aponta para a figura, e diz: É o Jão.⁵

Alguns versos lhe vieram à cabeça e, enquanto rabiscava o papel, pensou que os mostraria ao pai quando chegasse a Mariana. Logo percebeu o quão difícil é realizar a morte de alguém tão próximo. O pai que sempre mexia nos seus poemas e textos, consertando os versos sem pudor. Como faria sem o pai que tanto se preocupava e cuidava, mesmo à distância, de sua vida em Belo Horizonte, de suas primeiras incursões literárias?

João, ficamos todos muito satisfeitos por estares com a “alma alegre” por não correr o teu emprego o risco de ser suprimido. Antes de enviar-te a carta, eu tinha escrito um cartão ao Afrânio, dando-lhe felicitações e recomendando-te. Respondeu-me que tomava em toda a consideração o meu pedido. O Caio (deves saber que é poeta e já tem um livro de versos publicado) mandou-me atenciosa carta em que diz, referindo-se a ti: “Meu pai manda dizer-lhe que o rapaz ficará sob sua proteção”. Parece-me que estás seguro de pedra e cal. O Affonso deve ser batizado neste domingo, se melhorar de uma forte disenteria em que está. São padrinhos o seu Antunico do Leandro e a senhora dele (Naná).⁶

Nesta carta, o pai falara do pequeno Alphonsus Filho, irmão mais novo de João e meu avô. Assinaria assim o caçula se viesse a ser poeta também? Lembrou-se do irmão de apenas três anos e pensou: como aquele pequeno menino poderia entender o que se passava? Como explicar a uma criança o que é a morte?

Nesse momento, João não poderia imaginar que ali começaria entre Alphonsus pai e Alphonsus filho um longo convívio póstumo. Antunico e Naná, os padrinhos, serão no futuro os olhos do poeta Alphonsus filho para o passado em Mariana, uma luz nesse convívio não vivido com o pai. Para João Alphonsus, a vida ao lado do pai fora bem próxima. Não só sua entrada em Belo Horizonte, mas também seu ingresso no mundo da literatura havia sido mediado pelo pai. A preocupação, quase obsessiva, do velho Alphonsus em revisar, corrigir e incentivar o filho a fazer versos e publicá-los aparece em muitas cartas que se espalham entre 1918 e 1920.

João, o Albino chegou aqui acompanhado do dr. Cruz do Mar. Os teus versos, que têm sempre alguma ideia nova, agradaram-me; noto só que estás abusando dos alexandrinos feitos à la diable, sem acentos determinados. A metrificação é coisa imprescindível. Quanto aos versos franceses o único mérito é terem sido feitos na maneira da Chanson d’automne.⁷ No próximo número do Germinal sairá a tua (...) Os versos do sr. Campos do Valle são bem ruins (não diga isto a ninguém, nem mesmo ao Joaquim, porque a cólera dos poetas é terrível). Os tais Harmônicos (que já lera por acaso num jornal de Barbacena) fazem arrepiar couro e cabelos. (...) Vamos sem maiores, o Affonso está bem melhor e Zenaide quase de todo restabelecida. Teu pai Affonso.⁸

O conselho do pai: a cólera dos poetas é terrível. E as observações seguiam:

O teu soneto está bom, e parece-me que já me era conhecido – ao menos a ideia do final. A Fon-Fon, como deves ter lido, publicou no último nº os versos que enviamos ao Belmiro. As notas que acompanham causaram sensação aqui, no “nosso meio intelectual”. Já recebi cumprimentos por mim e por ti de muita gente competente, como o dr. Gomes e o Francisco Soares (delegado), o dr. Domicio, etc. Era dia de festa em casa do Gomes (posse na câmara), onde jantei, e a elite marianense estava toda lá. Zenaide vai bem e o Affonso tem melhorado. Teu pai que te abraça e abençoa. Affonso.⁹

João O teu soneto está bem, tem, porém, uma incorreção gramatical. O verbo “embalar” vem empregado intransitivamente. Mas é fácil arranjar-lhe um complemento direto pondo o verso assim: “Como celestes músicas, me embala” o seu perfume.¹⁰

Os anos passam rápido. João Alphonsus superou a morte do pai não sem dores e dificuldades. A família muda-se para Belo Horizonte. A casa que havia sido da viúva de Bernardo Guimarães era agora a casa da viúva de outro poeta e de seus 14 filhos. Mas os dias, um após o outro, são implacáveis.

A necessidade de ajudar a família fez João interromper os estudos. Pleiteou o cargo de vigia-fiscal em Ponta d’Areia, no sul da Bahia,

próximo à cidade de Caravelas. Partiu de trem para o povoado no qual viveria por três meses, três longos meses que serviram para marcá-lo pelo tédio de um povoado decadente, na ponta inicial da estrada de ferro Bahia-Minas, entre os silvos monótonos de sereias e moinhos de vento. Já na primeira viagem ouviu atentamente as histórias do maquinista do trem sobre a pesca das baleias, as arpoadas, a coragem e a covardia dos pescadores. Ali, mesmo longe dos estudos, não quis ficar longe da literatura e começou os esboços para seu primeiro romance, *Náusea Infinita*. O romance nunca foi concluído, mas de seus originais saiu o fabuloso *Pesca da Baleia*, que dá título à sua primeira coletânea de contos. Os três meses na Bahia esclarecem:

... a existência desse conto praieiro, da lavra de um escritor irreduzivelmente central. Alguns dados da pesca, até mesmo o episódio da covardia de Josefino, correm por conta de um preto verboso, João da Cruz, maquinista da Bahia a Minas, ex-pescador de baleias, que possuía e exibia um formidável arpão com que teria arpoado várias feras do mar.¹¹

Mais tarde, em agosto de 1925, o conto sairia publicado no segundo volume de *A Revista*, mensário modernista mineiro que teve apenas três números. Dos ares repletos de maresia do sul da Bahia, sai o conto praiano que fará João se ligar às marés do modernismo. Na versão publicada em *A Revista*, destacam-se duas notas: *Para melhor compreensão de alguns trechos, consultar os filmes com lobos do mar e escumas de pesca. N. do Autor. E no final: De Náusea infinita, romance manqué. Caravelas, (Bahia) 1922.¹²*

Esse romance não concluído, que João definirá como manqué, ou mal-sucedido ou ainda fracassado, diz muito de sua personalidade, sua timidez e modéstia. O fracasso, presente em toda sua obra, não é o de sua obra em si, mas o fracasso como tema. Há certa derrota em seus personagens, certas falhas que remetem ao fracasso beckettiano, aquele previsto como elemento indispensável na construção da arte/pensamento, quando Samuel Beckett diz: *Não importa. Tente outra vez. Fracasse outra vez. Fracasse melhor*. Em seus romances temos os personagens Afrísio, em *Rola-moça*, e Pedro Álvares, em *Totônio Pacheco*. Dois intelectuais frustrados em suas carreiras literárias, sempre em busca de uma escrita que não conseguem concluir, de uma linguagem que não conseguem atingir, sempre fracassando, cada vez melhor.

Nas memórias de Pedro Nava, a inserção de João no grupo modernista vem com a lembrança de que em *A Revista* sua colaboração em prosa foi mais numerosa que a poética.¹³ Lembrando do conto *Pesca da Baleia* e de um poema,

... o talento literário era uma fatalidade no seu sangue. Esse poeta filho de poeta teve uma das mais brilhantes carreiras literárias de sua geração. É lamentável que sua produção em versos não tenha sido reunida ainda em livro e que esse grande aedo esteja passando aos poucos para as gerações futuras como o contista e

o romancista realmente de primeiro plano que ele foi e que aos poucos se vá esquecendo uma contribuição poética – tão importante como a que ele deixou em prosa.¹⁴

De volta a Belo Horizonte, estamos agora no início dos anos 1930 e João está na redação do Diário de Minas. No intervalo entre uma matéria e uma crônica, dá continuidade a seus contos e poemas. Sua produção em prosa foi curta como sua vida, porém potente e inovadora, merecendo novas leituras. Publicou dois romances, *Totônio Pacheco* e *Rola-moça*, e três livros de contos: *Galinha Cega*, *Pesca da Baleia* e *Eis a Noite!*. Obras que sobrevivem ao teste do tempo com romances que tratam das transformações das cidades e contos que falam de uma íntima relação entre seres humanos e animais. O João poeta foi pouco publicado, sua produção esparsa se perdeu no tempo, mas ficou na memória de seus contemporâneos, como Carlos Drummond de Andrade, que tece comentários elogiosos no artigo que escreveu quando da morte de João.

Escritor completo, João Alphonsus sempre dava um jeito de colocar um comentário sobre poesia em seus romances e contos. O conhecimento e preocupação de João com a poesia eram enormes e, no depoimento a Edgard Cavalheiro, o próprio João se espanta e sente-se obrigado a explicar por que está falando tanto sobre poesia. Sempre pautado pela ideia de fracasso, que em vez de ser um fim era potência que o mantinha produzindo:

*Edgard Cavalheiro: você estará perguntando a razão por que, tendo se dirigido a um prosador, percebe dele essa comprida dissertação a respeito de poesia... O homem terá sempre maior ternura por aquelas aspirações em que tenha mais convencidamente fracassado. Poderia justificar-se mais ou menos lembrando que tenho em livro um conto, *O homem na sombra ou a sombra no homem*, que é pessoalmente uma tentativa poética, com uma certa dose de suprarrealismo.¹⁵*

O prosador se justificando por ser poeta, o poeta querendo aparecer no meio do caminho da prosa. As linguagens que são várias, mas também uma só. No conto *O Homem na Sombra ou a Sombra no Homem*, João entrará um pouco por sua biografia, e o personagem do conto é jornalista, poeta frustrado, mostrando seus versos ao redator-chefe. Uma paródia de João no Diário de Minas, mostrando seus versos ao editor-chefe, talvez Drummond? Muito possivelmente, afinal Drummond chamava a redação do jornal de pavilhão de possessos, um lugar de intensa produção e pensamento. O conto começa assim:

“E louco ao longo do caminho corre o trem!..” – Você deve modificar este louco ao longo, que não é onomatopéia mas sim cacofonia. Imita muito mal o barulho do trem e não presta como imagem. Louco ao longo, louco ao longo... Trem não é louco não, regra geral. Um exemplo perfeito de onomatopéia... Que importa se mal apreciado: Ricardo se encantava com o ver-se



apreciado pelo redator-chefe, poeta consagrado por geração e meia de sofredores e que se desfazia em conscienciosas explicações da mais pura arte poética. Ricardo se distraiu, tão inchado que nem podia prestar atenção... Cacofonia. Caco-fonia. Fonia em cacos. Descobriu de repente que tinha também uma cacofonia no seu nome: Ricardo Dutra. Está aí, não devia se chamar Ricardo, mas outro nome, Antônio, por exemplo, que não seria cacofônico. – Contudo, você tem jeito para a coisa, Ricardo. Continue. Conserte os erros que eu publico o soneto. – Obrigado, dr. ...¹⁶

O atravessamento da poesia na obra em prosa de João mostra como o autor era familiarizado e contaminado pelo gênero. Drummond diz que João pode ter sempre pensado em atribuir seus poemas a suas personagens:

Orgulho ou pudor João Alphonsus parece ter exclamado diante de seus próprios versos: “Ora, bolas!” Talvez cogitasse, malicioso, de atribuí-los a essa ou àquela personagem de suas histórias, na qual quisesse acentuar, caricaturalmente, o traço literário (a piedade que essas personagens nos inspiram é conseguida apesar da ironia do ficcionista através dela).¹⁷

A poesia que aparece nesses livros é um caminho que João encontra para descrever esses personagens, seus pensamentos mais profundos, suas ideias de mundo. Mas foi sua obra em prosa que o consagrou, levando prêmios, alcançando leitores célebres e anônimos. Nos dois romances de João Alphonsus, o que é mais poderoso é a sua capacidade de observação. A visão de quem está dentro de uma cidade em crescimento, como Belo Horizonte, que pulsava no avanço moderno de altos edifícios e largas avenidas. Um desenvolvimentismo moderno a qual João não se entrega sem encarar de frente percebendo suas mazelas, seus problemas, seus desafios.

Dizia ele que escrevia romances por não ter tempo para escrever contos, seu gênero favorito. Pode parecer um contrassenso, mas João explicava sua teoria dizendo que o conto merece profunda dedicação e atenção, para ser escrito de um sopro, do início ao fim, com intensidade; já o romance pode ser feito nos entretempos, vagarosamente.

Os dois livros são crônicas sobre uma Belo Horizonte em profunda transformação, mas não só Belo Horizonte. Os romances de João falam das mudanças do país no período pós-revolução de 1930, com Getúlio Vargas pela primeira vez no poder, a nova constituição promulgada em 1934 e suas consequências na vida cotidiana. Do campo à metrópole, a ebulição da ideia moderna de cidade, as grandes construções que se iniciavam, a indústria automobilística, os imigrantes, as remoções, as assombrações da mansão rural, o planejamento e o alijamento do crescimento urbano. Os muitos personagens de seus dois romances são os olhos de João caminhando por Minas Gerais. Do coronel Totônio Pacheco, transplantado, já velho, do campo para a cidade, até o bacharel

Afrísio, assistindo ao medonho espetáculo da remoção de uma favela. O olhar de João vai buscando essa mudança local que fala de algo universal, o atropelamento do tempo de um mundo que crescia em velocidade superior à da assimilação humana a essas transformações.

Totônio Pacheco, publicado em 1935, foi o primeiro romance. No ano anterior, o livro havia sido enviado para o prêmio Machado de Assis da Companhia Editora Nacional, sendo premiado juntamente com *Música ao Longe*, de Érico Veríssimo, *Marafa*, de Marques Rebelo, e *Os Ratos*, de Dionélio Machado, vindo a público pela mesma companhia. Em 1960, o romance virou novela da TV Tupi, não com o mesmo sucesso internacional de *Escrava Isaura*, de seu tio bisavô Bernardo Guimarães, que foi ao ar em 1976, momento bem diverso da televisão brasileira.

No livro, o velho coronel Totônio, preguiçoso e devasso, muda-se do campo para a cidade. Se em sua fazenda comandava com mão de ferro, na cidade passa a ser mais um na multidão, tentando manter viva sua dignidade e suas insígnias, mas engolido pela velocidade urbana e pelas máquinas. Do alpendre de sua casa na avenida Álvares Cabral, o coronel Antônio Pacheco Fernandes vai contando as casas subindo ao seu redor. Como um senhor aposentado, Totônio confunde passado e futuro no compasso das máquinas modernas:

– Como é, coronel, está gostando? Isso é um servicinho à toa de cimento armado. Quando a firma estiver construindo um sky-scraper, isto é, um arranha-céu, chamo o senhor pra ver o trabalho. Nas obras grandes a massa sobe nas caçambas. Gasta-se menos tempo. Tudo era novidade para o fazendeiro, que largou dali à hora do almoço. Quando descansava no alpendre depois da comida, as pancadas do motor iam embalando a sua preguiça, o seu cochilo digestivo, mansamente. Bem diferente do ruído molhado do engenho de cana, muito mais homens, menos gritos. Bem diferente e bem igual, pois de repente Pedro Bagaço deu um grito de raiva, que a moenda comera a última cana, e nada de chegar outro carro carregado. Abriu os olhos e ouviu os berros raivosos de Bellino, no silêncio repentino do motor. Foi ver o que era. O motor enguiçara.¹⁸

O poder e o ritmo acelerado das máquinas e dos homens, sincopados, trabalhando coreografados, hipnotiza Totônio, que passa a manhã observando uma realidade tão distinta da sua. No entanto, no sonho digestivo da tarde se reconecta à fazenda, o motor que enguiça, assim como seus homens que falhavam em trazer, espartanamente, a cana de açúcar em intervalos compassados. Durante toda a narrativa do livro, o coronel é uma espécie de elo perdido entre o universo rural, de fundo escravocrata, e a realidade da nova república que tateava tentando substituir a velha. A mão de ferro do coronel Pacheco da fazenda dá lugar ao viúvo Totônio da cidade, um cidadão que tem de obedecer às leis e não mais criar as suas. O tempo duro da natureza, medido de sol a sol, passa a ser o tempo cronometrado do relógio, medido nas horas do dia, que a cada dia parecem passar mais rápido.

Entre os muitos costumes e diferenças de mundos que trata o livro, a sexualidade tem papel importante. Por vezes o texto fica carregado da sensualidade urbana em expansão, frente à reprimida sexualidade da fazenda, no machismo atávico do coronel. O livro abre-se assim, cheio de calor e desejo:

Hora de sol baixo e oblíquo na avenida Afonso Pena. Sorvetes, chopes, suores, mulheres com os corpos escorregando, escorrendo dentro dos vestidos leves. Sexualidade no sol, no verde, na poeira. Preguiça. A moça que passou guiando a barata não pode esconder um bocejo diante do sinal fechado; ia talvez para casa aniquilar-se sobre as molas de um divã púbere. Espreguiçamentos. O sol maltratava os olhos. Mas a sombra das árvores copadas que atulhavam a avenida protegendo a pintura dos automóveis de praça era apetecida como um refresco baratíssimo, teórica sopa dos pobres na cidade trabalhada pelos complexos sexuais: grupos de rapazes, de homens feitos, se postavam em frente às ruas que desemboçavam de viés na avenida, para peneirarem as pernas femininas forçadas a pouca roupa no verão aceso. No ponto, moças lânguidas se deixavam devorar pelos olhares másculos; depois tomavam o bonde triste e de volta aos lares iam se tornando gradativamente honestas: os piratas desanimavam a meio caminho.¹⁹

Há muito que a avenida Afonso Pena, em Belo Horizonte, teve suas árvores cortadas. Não há mais aquele refresco e a própria avenida, de pouco verde, é hoje mais pelada do que as moças que por ela passam, essas caminham, hoje, com muito menos roupas do que na descrição de João Alphonsus, que me parece sensual, porém sonhadora, em nada carregada de violência sexual ou de atentado ao pudor. Mas não foi assim que a crítica da época leu o livro. Em uma entrevista dada à Folha de Minas, em janeiro de 1936, João comenta críticas feitas ao livro. Entre outras, fala sobre imoralidade e obscenidade.

Tasso da Silveira em A Nação de 22 de dezembro acentuou que dois dos livros premiados juntamente com o meu não contêm “a menor sombra de imoralidade ou de pornografia”. E depois: “A imoralidade e a pornografia positivamente não são elementos fundamentais indispensáveis para recriar a vida, mesmo a vida dos seres e ambientes em que a pornografia e a imoralidade se apresentam de face”. Olhando fixamente para o repórter o escritor disse rapidamente:

– Ninguém duvida disso. Relativamente ao meu romance, é injustiça falar em imoralidade. Mais do que injustiça, implicância. O tema me obrigou a abolir certa hipocrisia de fachada, modismo muito em voga. (...) Eu sei que lutei comigo mesmo para incluir no texto expressões cruas, umas lembrando Cambronne, outras para dar mais naturalidade às dissertações do dr. Carmo Peres, personagem que fracassou literariamente... Eu podia mostrar a você,

na primeira versão do livro, a expressão “filho espúrio” na boca de Peres. Reagi contra meus próprios preconceitos para dar mais naturalidade à expressão de médico sem preconceitos, imprescindível principalmente naquela discussão aquecida pelo álcool, alta madrugada...²⁰

Realmente o livro nada tem de pornográfico, a crítica à dita linguagem obscena é totalmente fora de lugar (ainda mais lendo o livro quase oitenta anos depois de escrito). A defesa que o próprio João faz do livro também me parece exagerada, certo medo de rejeição ao romance por seu teor. Uma espécie de autorrepressão de quem tanto trabalhou contra seus próprios preconceitos na hora de escrever o livro. O sexo e a sexualidade estão presentes no texto, assim como na vida. O machismo, o desejo, a devassidão, as prostitutas, os homens que escondem o sexo pago de suas mulheres, as mulheres que condenam as mulheres de vida fácil, o verão aceso fazendo os corpos pulsarem. Quando João Alphonsus diz que aboliu “certa hipocrisia de fachada”, me parece o momento mais lúcido da entrevista. De maneira geral é isso que *Totônio Pacheco* faz, não só com a sexualidade, mas com o poderio dos coronéis do interior, com a ideia moderna de uma cidade acelerada, com as tendências ideológicas, religiosas e políticas da época. Ao buscar essa linguagem mais crua, não se furtando a abordar temas polêmicos, João Alphonsus transforma *Totônio Pacheco* num grande romance e num exercício de arte crítica, que deveria sair do esquecimento em que se encontra.

É importante considerar aqui, em contraponto à quase estagnação econômico-social do espaço rural de sua atividade agropastoril tradicional de modelo escravocrata, a ambiguidade do espaço urbano que busca modernizar-se pelos padrões progressistas conservadores. Note-se que, mesmo disfarçados ou suavizados, muitos dos preconceitos e hábitos autoritários do campo mantêm-se na cidade. Neste momento o humor sóbrio de João Alphonsus é um olhar de denúncia potente e rigoroso contra o patriarcado decadente. Um olhar criterioso sobre a mais do que cautelosa e gradual democratização da ordem socioeconômica urbana. O interesse, na narrativa do romance, por personagens secundários históricos ou ficcionais equivale ao direcionamento do foco de vários de seus contos sobre os bichos. Burros, baleias, galinhas, gatos são personagens marginais assim como trabalhadores, mulheres e jogadores de futebol (que naquele momento eram marginais). Mesmo sem radicalizar no experimento estético-temático, João adere plenamente ao movimento modernista pelo agudo olhar crítico que lança sobre as questões que aborda. Na agilidade de seu estilo narrativo despojado e perspicaz, João estabelece uma perspectiva renovadora e cruel sobre as circunstâncias que se lhe apresentam.

Numa tarde de 1935, João Alphonsus passou por São Paulo e tentou, em vão, encontrar-se com Mário de Andrade para entregar-lhe o *Totônio Pacheco*. Se o encontro não veio para eles, chegaram para nós duas cartas que contam como se deu tal desencontro.

19-12-1935

Mário

Passei ontem por S. Paulo, onde estive da 1 às 7 horas da noite. Telefonei para sua casa e me informaram que você estava no Departamento de Cultura. Lá fui, e, não encontrando você, deixei com o empregado três exemplares do meu romance, para você, Sergio e []. Não sei se por certo o nome do seu amigo []. Se não, peço me devolver o volume. Depois das 4 e meia telefonei novamente para o Departamento e quem atendeu me informou que você tinha novamente estado lá, tivera necessidade de sair e me deixara recado para voltar no dia seguinte às 4 e meia. Era absolutamente necessária a minha vinda para aqui naquele dia, (...), pois embarco amanhã para B. Horizonte, onde o meu atual endereço é rua Rio Grande do Sul, 1040.

Queria apenas lhe dar um abraço e este vai por carta.

Do velho

João Alphonsus²¹

S. Paulo 8-1-36

João Alphonsus

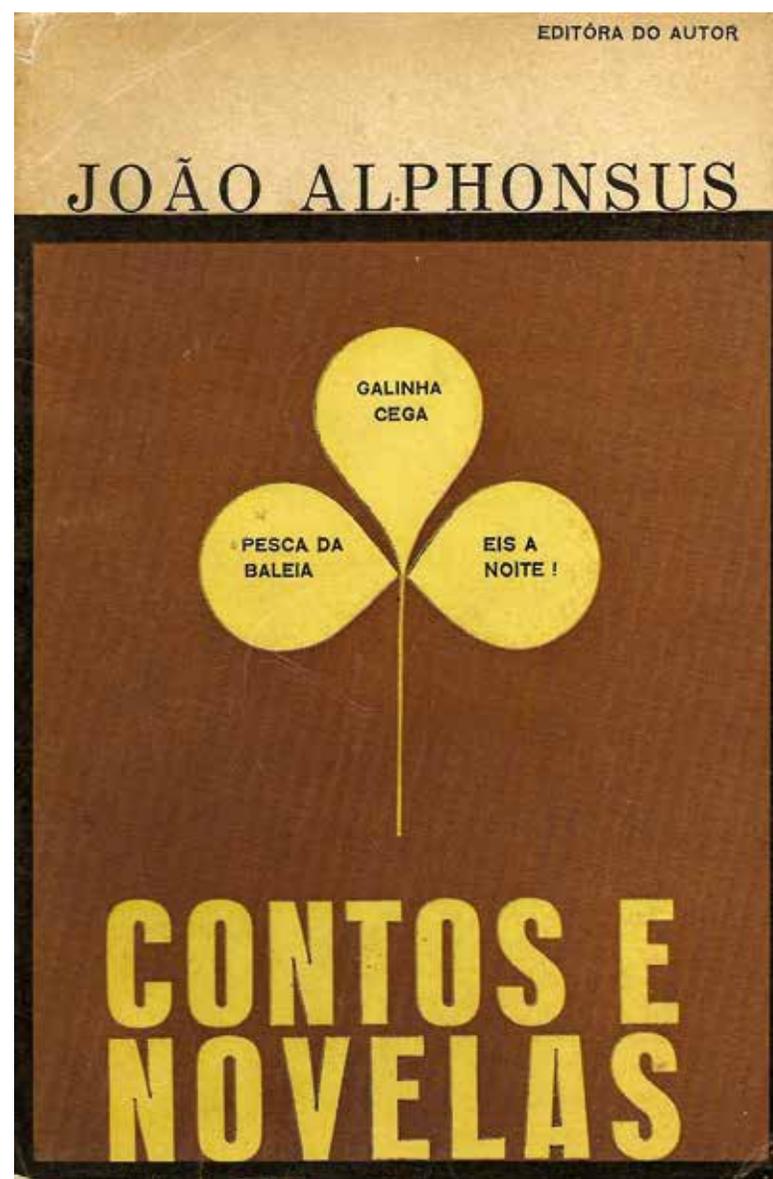
Estava lhe preparando uma amostra de [] meu, você escapou. Queria lhe mostrar, diante da oferta do seu livro que já o tinha comprado e me enfiado por ele adentro. A sua pergunta do momento será logicamente: O que achou? Te achei, respondo. Achei, vou achando o livro excelente, excelente não admirável. Só que não acabei de ler... Talvez isso lhe pareça inconfessável, não por vaidade sua, mas por contradição minha entre um admirável e um por de lado. Ah, João Alphonsus, você não imagina como me doe não ter estado com você desta vez. Queria lhe mostrar, lhe contar comprido, o que é o nosso Departamento de Cultura e o que estamos fazendo. Tenho certeza que você havia de se entusiasmar também. Mas me tomou não o tempo, mas a vida. E então, com fim de ano, e inda por cima a consolidação da lei que nos criou e o regulamento (que também é lei) você não imagina, trabalhei dia e noite. Ontem acabei a lei. Primeiro gesto de descanso: te escrever. Quanto ao Totônio Pacheco pode ter certeza que é uma grande coisa.

Um abraço do

Mário²²

As cartas revelam a mudança de endereço de João, saindo da casa da família para sua própria casa, depois do casamento com Esmeralda Baeta Vianna. A resposta de Mário vem com um forte elogio ao romance, mas, sobretudo, com um enorme entusiasmo com os rumos que tomava o recém-fundado Departamento de Cultura.

Dentre as cartas que encontrei no arquivo de João Alphonsus, uma das mais interessantes foi escrita por um fazendeiro de gado do interior mineiro. Contava João que muito do personagem havia saído de um amigo da família, que havia sido fazendeiro e que tinha o mesmo jeito



conversador de Totônio Pacheco, narrador de causos intermináveis. Não sei se a carta é deste senhor ou de outro Totônio, entre os tantos que João pode ter conhecido em suas muitas viagens, como caixeiro-viajante da Justiça, pelo interior das Gerais. Muito provavelmente Totônio é uma colagem de muitos tipos. Em entrevista ao jornal Estado de Minas de 11 de janeiro de 1936, João diz que nunca pretendeu criar o coronel padrão do interior mineiro, que Totônio é um tipo entre inúmeros.

Eu não podia ter uma pretensão dessas. Totônio pode ter algumas particularidades de determinados coronéis. Mas há coronéis e coronéis. Cada qual tem suas particularidades, seus despeitos, suas qualidades... Mas generalizar seria um perigo. A atitude, ou melhor, a teoria política de Totônio, como sua teoria religiosa, são absolutamente fiéis. Isto é, fiéis ao pensamento de um certo tipo de mineiro, e não somente coronel. A atitude religiosa que depois

*verifiquei que está em consonância com o pensamento de Pascal, eu a colhi primeiro da boca de um velho legítimo bacharel, juiz de direito, há muitos anos... Haveria, portanto, uma injustiça em atribuí-la somente ao coronel mineiro. Mas nada disso tem importância. É melhor não conversar sobre Totônio Pacheco, meus amigos têm feito crítica de amizade. Isto é, de benevolência, e nessa intenção complicam até o coronel mineiro...*²³

O comentário entre a falsa modéstia e a ironia do final da entrevista me faz lembrar que muita gente escreveu sobre *Totônio Pacheco* à época. Gente como Ciro dos Anjos, Tasso da Silveira, Manuel Bandeira, Guilhermino César, Emilio Moura, Milton Campos, Carlos Drummond de Andrade. Amigos que fizeram mais do que crítica de amizade ou benevolência: pensaram o livro e a obra de João no frescor do momento de sua publicação. Mas entre todas as críticas e todos os leitores célebres, a que mais me impressionou é a de Altim, fazendeiro da fazenda de gado de Bambuí, Minas Gerais, que endereçou em 12 de fevereiro de 1936 a Guy de Guimaraens, irmão mais novo de João Alphonsus, a seguinte carta:

Prezado Guy.

Recebi sua carta acompanhando o Totônio Pacheco.

Agradeço-lhe a gentileza da oferta. Satisfazendo seu desejo envio minha impressão sobre o romance. Ei-la: a descrição da 'grotta' é perfeita. São assim quase todas as fazendas do oeste de Minas.

A alma do nhonhô Francisco Pacheco aparecendo no tanque de garrapa está de acordo com nossas lendas. Não se compreende fazenda sem assombração; seria como igreja sem santo, casa sem mulher! A linguagem de Totônio é a falada por nossos fazendeiros: própria de nosso meio.

A maneira de Totônio preparar a palha de milho, colocá-la atrás da orelha, picar o fumo de rolo, enrolar o cigarro, saborear a fumaça é o modo natural de todo roceiro. Foi pena ter o autor se esquecido do isqueiro de metal de corrente dupla e comprida, pendendo a tampa à binga, do modo de colocar a binga e pedra entre os dedos da "canhota", pegar do fuzil com a direita, ferir a pedra, fazer fogo, acender o cigarro, oferecer fogo aos companheiros.

Nossos fazendeiros deixam, sistematicamente, resto de café na xícara e o atiram no chão.

No almoço ou jantar atiram ossos embaixo da mesa. Um em S. Paulo fez isso. Seu companheiro lhe advertiu que aquilo só se usava no sertão. Então o fazendeiro, com a maior naturalidade disse: "Não faz mal, cachorro come".

Entretanto há diferença entre "Totônio" e nossos fazendeiros: Totônio devasso, preguiçoso, fuzarqueiro; nossos fazendeiros: trabalhadores, honestos e bons esposos.

Já agora, deve o sr. João Alphonsus escrever outro romance cujas cenas passem na roça e que as moças possam ler.

Transferir o roceiro para a cidade, mesmo depois de velho, é

inconveniente... cada macaco no seu galho!

*Abraços de Altim*²⁴

Pela carta vemos a precisão de João Alphonsus ao descrever o fazendeiro e as fazendas do oeste mineiro. Há imediata identificação de Altim com o universo de Totônio. João viajou muito pelo interior de Minas no tempo que trabalhava como oficial de justiça. Assim como seu tio-avô Bernardo Guimarães, João perambulou pelo sertão mineiro, agora sem a insurreição dos quilombos e a febre do ouro. Nessas viagens conheceu e anotou o modo de vida do roceiro, transplantando-o para a cidade grande. Pela escrita ficcional, apresenta uma amostra de observação social, encaminha o julgamento crítico do objeto observado. Assim evidencia sua lucidez na construção do conhecimento crítico pela arte. Altim se ressentia desse traslado, "cada macaco no seu galho", diz ele. João pretendia escrever um romance ambientado no interior, inclusive deixou algumas anotações sobre o livro que chegou a ser anunciado em entrevistas do autor. O romance teria o título de *Montanha*, cidade natal de Totônio Pacheco, para homenagear o personagem. Infelizmente o livro nunca foi concluído. Este desconforto de Altim com o deslocamento do coronel Pacheco é prova clara desse choque com um mundo totalmente diferente do que se conhece e domina um sentimento de estar atirado à margem. O mais curioso é que ele próprio conta um caso de um fazendeiro em São Paulo jogando ossos embaixo da mesa e sendo repreendido pelo companheiro. O êxodo rural e seus contrastes iriam se tornar cada vez mais frequentes, João fotografou, em Totônio Pacheco, o prenúncio de um futuro cujos avanços e recuos foram apontados pela arte de suas imagens.

Se por um lado o coronel Antônio Pacheco Fernandes pode parecer o personagem menos marginal dos romances de João, dono de terras poderoso e imponente, seu deslocamento para a cidade muda tudo de perspectiva. Tira o coronel do centro e o coloca à margem de uma cidade pulsando à sua frente. João sempre se interessou pelos personagens menores, secundários, marginais. Um padre e seu burro numa pequena paróquia, um estudante desesperançado numa pequena praia da Bahia, um jornalista sem perspectiva com medo do fim do mundo, uma galinha cega cuidada por um pobre diabo das periferias de Belo Horizonte, um gato, um poeta frustrado, uma jovem tísica, uma favela que vai ser removida. Todos esses personagens têm em comum sua história de vida simples ao redor de algum centro secundário que não se sabe bem qual é. Orbitam tontos e olham o mundo desde a periferia. Com isso, João nos fala dos marginais lançando um olhar crítico para aquilo que o mundo acredita ser o centro, o importante, o vital. Para João Alphonsus, a periferia é apenas outro centro, sugerindo outra perspectiva de enfoque. É assim que escreve sobre os animais, sem estabelecer uma escala de valor entre humanos e bichos, mas considerando que cada um é apenas uma entidade com singularidades próprias.

Num artigo publicado no mensário crítico *Boletim de Ariel*, Murilo Mendes fala muito bem sobre estes pontos, ao tratar do primeiro livro de contos de João, abordando e antevendo aspectos fundamentais de sua obra.

João Alphonsus é um sujeito entre gordo e magro, com, possivelmente 1,70m de altura, promotor em Belo Horizonte, e, é incrível: promotor inteligente e poeta. Tenho a impressão que João Alphonsus vive numa eterna conspiração com repórteres, datilógrafas, costureiras, quase suicidas, motorneiros, garçons, gatos, boticários, e que, apesar de casado, deixa uma noiva em cada esquina. O livro dele é indiretamente um panfleto contra o espírito do século. Ele abandona o plano quinquenal, as paradas de Hitler, as correrias dos gangsters, os meetings dos sem-trabalho, os concursos de Los Angeles e volta-se para os indivíduos que estão sendo postos à margem, acreditando que o sentimento, anarquista como é, jamais nivelará os povos. Continua calmamente a escrever novelas em Belo Horizonte durante a revolução, que nem Beethoven compondendo a Quarta sinfonia enquanto Napoleão bombardeava Viena. Tem tempo de socorrer uma galinha que bate asas, tonta, sem enxergar – considerando que uma galinha é uma entidade biológica como outra qualquer, com seu código próprio e seus direitos.²⁵

João publica no início de 1938 o seu segundo romance, *Rola-moça*, recebendo por ele o prêmio da Academia Brasileira de Letras de melhor romance. O livro é mais um estudo sobre uma Belo Horizonte em transformação, vista por outros ângulos. Três núcleos se desenrolam paralelamente. A vida do bacharel e poeta frustrado Anfrísio, os sentimentos e atitudes da carioca Clara, que se muda para um sanatório em Belo Horizonte, e a remoção da favela do Rola-moça. Na verdade, João transpôs a serra do Rola-moça afastada de Belo Horizonte, para onde se localizava o bairro de Lourdes.

Anfrísio assiste ao processo de urbanização da cidade, a remoção da favela, sempre se sentindo impotente, numa eterna mediocridade que, em carta, Mário de Andrade transformará no adjetivo anfrisiaco.

O bacharel sorriu. E olhou para baixo. Para a cidade se estendendo por declives, se perdendo atrás dos morros, se erguendo no centro em cubos sem telhados. A cidade avançava na direção da sua varanda. A casa fora construída dentro da confusão dos barracões de taipa ou adobes, entre unidos por inúmeros atalhos como caminhos de formiga. Morava ali há alguns meses e só agora estavam abrindo a sua rua, cavando-a reta e plana, impondo uma geometria à desordem da terra precariamente habitada. Para tal a cidade avançava derrubando os casebres. Seu sobrado amarelo era a sentinela da urbanização inexorável.

Anfrísio observa o mundo numa postura patética, inerte, escreve poemas que permanecem escondidos nas gavetas enquanto se esconde na sua vida tediosa de promotor. Sua postura contrasta com a de Clara, menina criada no Rio de Janeiro que está em um sanatório belo-horizontino para tentar curar-se de tuberculose. Anfrísio também é testemunha do sofrimento dos que buscavam a cura no clima seco das montanhas mineiras.

A morte quando visitava o sanatório entrava sigilosa. Médicos e enfermeiros favoreciam tal sigilo cuidadosamente. Como um ladrão a que facilitassem o roubo contra um morador, para que praticasse o crime com absoluta discrição, sem perturbar os outros moradores da mesma casa. Mas ali era a mansão do repouso, da cura pelo repouso, mínimos movimentos anormais podiam ser notados como sinais de perigo. Às vezes a morte cismava de ceifar uma vida à noite, o que contrariava ainda mais à direção do estabelecimento. (...)

– Pobre filhinha... eu tenho também os olhos cheios de lágrimas... Ah! Meu Deus!

A mãe retirava a responsabilidade de seus frágeis ombros e jogava-a para frente, para cima: Deus.

– Mas eu não quero que a senhora chore. Tudo é tolice minha... vou desligar, mamãe. Já não estou chorando. Vai tudo muito bem. Eu é que não posso com as saudades... Adeus mamãe. Amanhã escreverei.

Sim, ia tudo muito bem. Clara se colocou de joelhos e fitou Santa Teresinha, pequena imagem na mesinha de cabeceira. Rezava. As últimas lágrimas lhe penetraram nos lábios que se moviam e tinham um gosto tranquilo de água do mar, pequenas gotas que tivessem vindo da praia natal para lavar a sua amargura.

O sofrimento de Clara no sanatório é terrível. A tuberculose é moléstia torturante que vai matando aos poucos, com crueldade. Mas talvez mais cruel seja a destruição da favela do Rola-moça e a extirpação de seus personagens, considerados pela alta sociedade como indivíduos de segunda classe, sem direito nem mesmo à memória ou à solidariedade trágica. O projeto urbanizador não tenta apenas mudar a geografia da cidade e criar esplanadas e avenidas cartesianas. Sua ideia de progresso é também acabar com as comunidades tradicionais e seus costumes musicais, religiosos e comportamentais. João está atento a isso pelos olhos de peixe morto de Anfrísio.

Anfrísio não encarava aquilo pelo trágico. Era dotado de um certo espírito literário e assistia a destruição do bairro pobre num carinho comovido para com as coisas que desaparecem mansamente sem memória e sem drama. Literário mesmo no sentido de quem olha a vida como espetáculo. Dentro de poucos anos ninguém e nem mesmo ele se lembraria de que ali havia sido Troia. Sim, senhores: Troia do batuque, da madraçaria, da coisa-feita, com seus heróis particulares. E para que lembrar?

Se em muitos momentos Anfrísio tem traços biográficos ligados a João Alphonsus, como a formação em direito, a vida de promotor público e a frustração em relação à poesia, também há profundas diferenças. João se recusa a ver o mundo apenas como espetáculo. Ele é um agente que, com sua literatura, quer interferir nesse mundo. Se Anfrísio não sabe nem por que as pessoas da favela do Rola-moça deveriam ser lembradas,



Com Francisco Inácio Peixoto em visita ao túmulo de Ascânio Lopes – Cataguases, 1938.

João faz questão de escrever um romance que lê e fixa aquele pedacinho de uma Belo Horizonte fadada à destruição. Mais uma vez sua ligação com os personagens secundários se mostra pulsante. A descrição da favela e de seus costumes é uma forma de lutar para mantê-la de pé, resistindo ao avanço inexorável da urbanização que, em nenhum momento, considera aquelas pessoas em seu plano diretor.

Em maio de 1938 Mário de Andrade escreve a João Alphonsus uma longa carta comentando o livro:

São Paulo, 3 de maio de 1938

Meu caro João Alphonsus

Estou acabando de ler o Rola-moça e saio dele meio aturdido, confesso, bastante incapaz de me analisar frio em minhas sensações. Quem sabe se deixasse pra lhe escrever dentro de uns dois dias, era capaz de lhe dar uma noção mais nítida de como entendo o romance e gosto dele. Mas o papel está aqui, eu disponível, o melhor é me pegar assim, no quente mesmo da tontura e lhe dar um abraço do meu desejo de abraçar você pelo romance. Não consigo saber se o livro é inteiriço, talvez não seja. Confesso mesmo que cada vez que você passava de Clara pro Anfrísio, sentia no íntimo uma certa irritação, uma [] que fadiga prematura do capítulo anfrisiaco que ia ler. Vocês mineiros talvez estejam insistindo um bocado na análise e elogio da mediocridade anfrisiaca. Sei que é uma mediocridade toda especial, uma espécie muito mineira de mediocridade... profunda, de que ninguém emparelha com vocês. Desde pelo menos Vida Ociosa.²⁶ E ainda foi pouco o livro notável do Ciro dos Anjos. Também seria interessante analisar o que há de anfrisiaco nos versos incomparáveis do Carlos Drummond. E agora anfrisiaco. É também um ótimo exemplar de anfrisismo mineiro, analisado com uma perfeição admirável de pormenores, mas me parece que você não conseguiu dar ao seu Anfrísio, no seu gênero, a mesma interioridade que deu à Clara, no gênero dela. No princípio ainda as coisas se equilibraram, mas do verdadeiramente esplêndido cap. 12 em diante, Clara, [] formam um ambiente humano duma intensidade tenra, tão superior ao próprio Anfrísio, que o livro desequilibra bem como sucessão que não é de luz e sombra não... seria mais de alegros (Clara) e andantinos (Anfrísio) musicais. É verdade que o livro se chama Rola-moça, e que tem ainda os grupos populares. Um colar de acontecimentos e de seres é o livro. E que animais admiráveis e bem sentidos sem falsa humanização! As baratas, os cachorros, o burro é uma criação positivamente de grande escritor. Mas, não sei, recomendo a considerar como tal ou qual falha, você não ter conseguido fusionar mais as coisas. Não sei, ainda estou meio aturdido, é visível a técnica do colar. Mas como se fosse um colar de pérolas barrocas, desiguais na forma e na cor. Não renego a técnica, mas prefiro-a na concepção clássica do colar, ou em crescendo e decrescendo, ou então todas de igual tamanho. Lhe falo como você vê com toda a isenção de elogio amigo. Apesar de

aturdido e certo do valor forte do seu livro, (disso estou mesmo certíssimo), e da comoção que ele me deu, me abro com toda a sinceridade. Haverá, me parece uma certa falta de unidade no seu livro, porém mesmo essa falta de unidade se disfarça muito numa qualidade que você tem como poucos entre nós: o sentimento de paisagem. É curioso mesmo: você não descreve, raro nem um detalhe bem objetivo da paisagem, seus detalhes são ... deixando a gente criar para si a objetividade da paisagem. "A cidade em baixo", "o sanatório iluminado", "O vento" etc na verdade não descrevem nada em sua vagueza objetiva, mas, melhor que isso, há um sentimento paisagístico que me parece notabilíssimo e sempre duma força, duma sutileza, dum a propósito magistrais. Toque aqui pelo Rola-moça, é um livro ótimo. Grande abraço do Mário de Andrade ²⁷



Alphonsus de Guimaraens Filho, Hélio Pellegrino, Mário de Andrade e Murilo Rubião – Belo Horizonte, 1944.

Mário tem razão, o livro é mesmo um colar de contas desiguais. A meu ver, não desiguais em qualidade ou em estilo. É um livro que transita entre ambientes e situações paralelas muito distintas, mas são todas elas juntas que formam a teia urbana. Acho que a formação tão diversa que teve João Alphonsus contribuiu muito para a construção de um romance tão multifacetado. João estudou no seminário em Mariana, em Belo Horizonte passou pelo curso de humanidades, pela escola de engenharia, pela faculdade de medicina, até fixar-se na de direito, onde se bacharelou. Some-se a isso seu trabalho como parecerista da justiça, viajando por quase todos os municípios de Minas Gerais, que lhe deu uma visão macro da estrutura de funcionamento de uma cidade, de um Estado. Ao escolher estas três instâncias (um sanatório, a vida comum de homem de classe média e uma favela à beira da extinção), João faz um elogio irônico e ácido desta mediocridade anfrisiaca. Tudo aos olhos de Anfrísio, metonímia da classe média reinante, passa como um sopro

de vento sem significado. Há empatia com o sofrimento na morte, há simpatia com o sofrimento dos pobres, mas sempre de um ponto de vista distante, de sua varanda, afinal sua casa era sua maior paixão.²⁸

O livro é feito por um colar de contas desiguais. Mas por que a montagem moderna de fragmentos deveria ter uma unidade? O Mário de Andrade crítico exige uma unidade que não aparece no Mário ficcionista. Em *Rola-moça* o que une todos esses universos é o próprio tecido urbano, lugar vivo e rico em contrastes, pulsando um avanço progressista que parece inexorável, mostrando com crueza que a cidade é uma espécie de monstro devorador que avança, esquecendo-se que, assim, destrói aquilo que faz com que ela exista: seus habitantes. *Rola-moça* é um romance ainda mais cruel do que *Totônio Pacheco*, um livro potente de um escritor que construiu nele uma colcha de retalhos de experiências e pensamento crítico.

Por fim chegamos a meados de 1943, João Alphonsus passa por uma cirurgia no coração. Daí em diante sua saúde não foi mais a mesma, mas continuou com suas tarefas normais de pai, promotor, escritor. Acompanhava o desenrolar da Grande Guerra sangrenta que tomava a Europa. Mas alguma coisa estava errada. Tinha esperança, até plena convicção de cura, num estado de espírito de alguém voltado para a vida.

No início de 1944, o amigo Mário de Andrade escreveu a João, preocupado com sua saúde, depois de ouvir as notícias que lhe dera Murilo Rubião. Em 23 de janeiro de 1944, a resposta a Mário:

*Não há tal: não há doença grave; ou melhor, a gravidade já passou. Começou a reação do organismo e os médicos estão alvissareiros. O que não posso é lhe dizer o que tenho, classificadamente: uma febre com a qual eu já andava na rua, meio alquebrado; cama e os médicos a procurar o "foco"; raio X, laboratório, o diabo. Mas os próprios médicos não sabem a origem da febre. Tudo isso é cacete, mas não é perigoso, porque as possibilidades mais graves são eliminadas ("os campos pulmonares apresentam transparência normal" – diz o raio X.) Acho que o Murilo Rubião devia vir aqui em casa, me ver e conversar comigo, antes de sair dando notícia por outros países. Me comoveu a sua carta, tão cheia de um interesse fraternal. Muito obrigado! E você como passa? Um grande abraço do João Alphonsus.*²⁹

João desconhecia a gravidade da doença, ou a escondia do amigo: uma endocardite bacteriana que hoje teria sido facilmente debelada com o uso de antibióticos. Faleceu quatro meses depois de enviar a carta a Mário de Andrade. No dia 23 de maio de 1944, deixou viúva e três filhos: João Alphonsus Filho, Liliana e Fernão. No seu enterro, discursou José Lins do Rego: Meu querido João Alphonsus, pode você ficar certo que estará bem vivo conosco o homem sóbrio e calado, mineiro de olhar

penetrante e malicioso que fez um Totônio Pacheco para resistir ao tempo e vencer todas as mortes.

No mesmo ano, Mário de Andrade foi a Belo Horizonte e fez questão de visitar o túmulo de João. Uma foto foi feita nesta visita ao lado de Alphonsus de Guimaraens Filho, Hélio Pelegrino e Murilo Rubião. Uma nova geração de escritores que Minas Gerais produzia.

Com a morte de João Alphonsus, seu irmão mais novo, o caçula dos 14 filhos do velho simbolista, se impôs a tarefa de continuar pesquisando e organizando a obra da família. Segue a espiral do tempo girando e as alianças de sangue e tinta se fazendo. Três anos antes, em 1941, João havia ajudado muito na publicação de *Lume de Estrelas*, o primeiro dos muitos livros de Alphonsus Filho. O livro recebeu críticas de Mário de Andrade e Manuel Bandeira. Por causa do livro e de João, Drummond e Alphonsus Filho começam um prolongado período de uma correspondência que tratará de muitos assuntos literários, mas principalmente da obra do velho Alphonsus. Drummond e meu avô se tornaram grandes amigos ao longo da vida.

Um dia meu avô me confidenciou que naquele momento, com a morte prematura do irmão, pensou que não conseguiria organizar nada, pois àquela altura se considerava apenas um escudeiro de João para os assuntos literários da família. Alphonsus Filho tinha apenas 23 anos. Disse uma vez, em um artigo de jornal:

*Em 1944 ocorre a morte prematura de João Alphonsus. Não cabe aqui registrar apenas tristezas; fale eu pouco do que foi para mim o duro acontecimento, de todo inesperado. E fale mais do que a ausência do irmão veio significar, obrigatoriamente, em maior convívio com o pai. Já de João Alphonsus, em longas conversas, muito ouviria sobre ele, sobre seus hábitos, sua nenhuma ambição, seu amor à poesia. E agora, sem aquele que tinha sido o seu biógrafo e lhe organizara e anotara as Poesias em 1938 (...). Crescia minha responsabilidade quanto à preservação do seu acervo poético.*³⁰

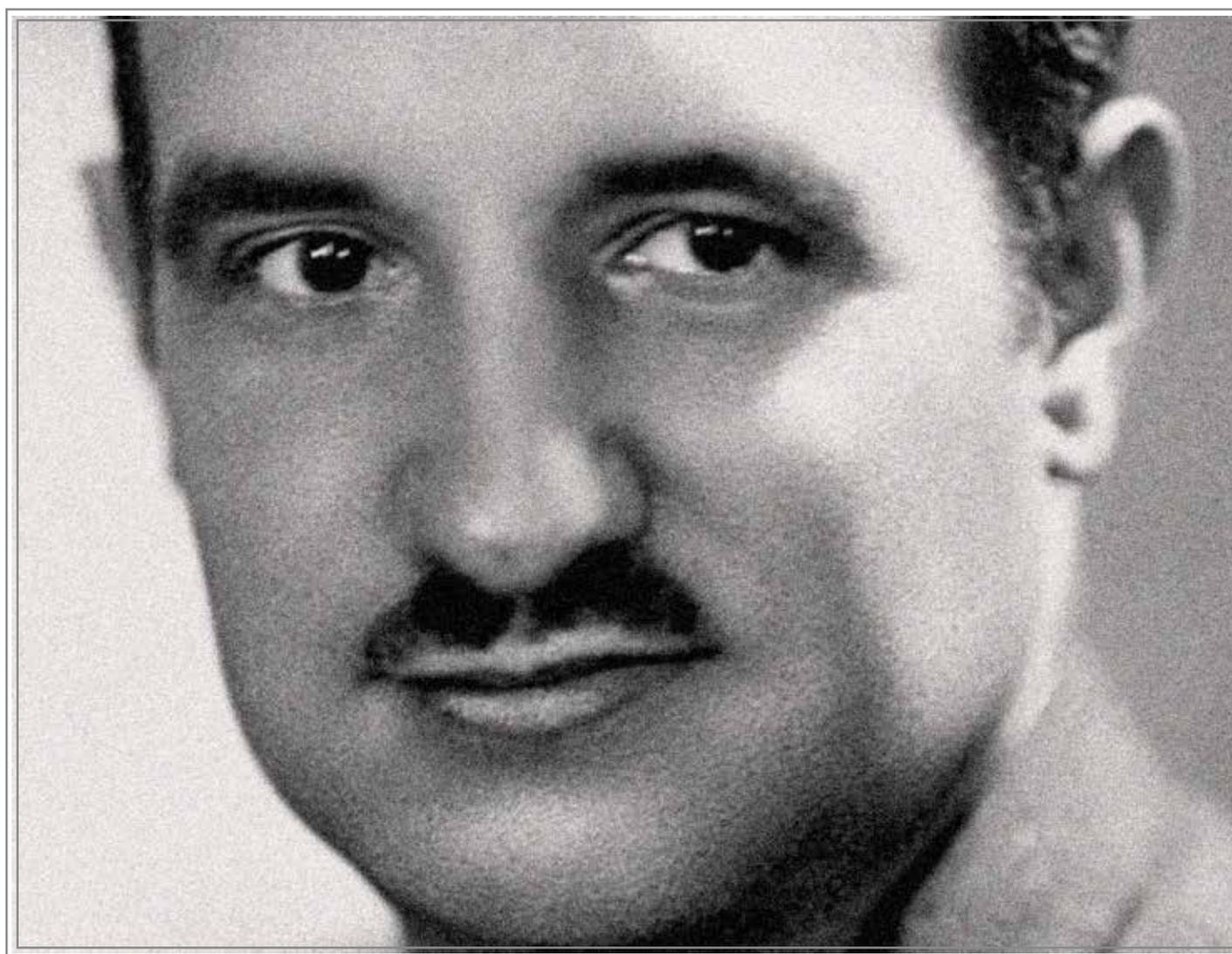
Mas o escudeiro tomou a sela do cavalo e saiu-se galhardamente. Além de produzir uma extensa obra autoral, meu avô organizou a poesia e a prosa de Bernardo Guimarães e reeditou a obra do pai e do irmão, além de publicar muitos estudos sobre todos eles. Com o pai, desenvolveu um profundo convívio póstumo. Se não tinha nenhuma memória paterna, coube a Alphonsus Filho criá-la. Foi a saída para conviver com esta ausência. Na biografia que escreve do pai, *Alphonsus de Guimaraens em seu Ambiente*, Alphonsus Filho conta-lhe sua própria vida. Mais um leitor, mais um reorganizador. Tenho certeza que João Alphonsus ficaria orgulhoso de tudo que foi produzido, afinal ele foi uma importante mão a tecer essa história. Uma história de muitas e muitas mãos escrevendo novas histórias e reescrevendo as antigas. Somos sangue, somos tinta.

-
- 1- GUIMARAENS, Alphonsus de. Notícia biográfica In: Poesia completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001. p. 104.
 - 2- ALPHONSUS, João. Alphonsus de Guimaraens e uma família de escritores. Rio de Janeiro, Vamos Ler! 6 mar. 1941. Entrevista concedida a Milton Pedrosa.
 - 3- GUIMARAENS, Alphonsus de. Carta a João Alphonsus, 16/11/1918. Arquivo da família, cedida pelos filhos de João Alphonsus.
 - 4- Idem. Carta a João Alphonsus, 14/4/1918. Arquivo da família, cedida pelos filhos de João Alphonsus.
 - 5- GUIMARAENS, Zenaide. Carta a João Alphonsus, 27/4/1918. Arquivo da família, cedida pelos filhos de João Alphonsus.
 - 6- Idem. Carta a João Alphonsus, 25/9/1918. Arquivo da família, cedida pelos filhos de João Alphonsus.
 - 7- Famoso poema de Paul Verlaine com marcada sonoridade. Les sanglots longs /Des violons/ De l'automne,/ Blessent mon c'ur / d'une langueur monotone.
 - 8- GUIMARAENS, Alphonsus. Carta a João Alphonsus, 18/10/1919. Arquivo da família, cedida pelos filhos de João Alphonsus.
 - 9- Idem. Carta a João Alphonsus, 6/10/1919. Arquivo da família, cedida pelos filhos de João Alphonsus.
 - 10- Idem. Carta a João Alphonsus, 7/5/1919. Arquivo da família, cedida pelos filhos de João Alphonsus.
 - 11- ALPHONSUS, João. Vida e obra de João Alphonsus. In: _____. Contos e novelas. Rio de Janeiro: Imago/MEC. 1976. p. 9.
 - 12- ALPHONSUS, João. Pesca da baleia. A Revista, São Paulo, n. 2, ago. 1925.
 - 13- NAVA, Pedro. Beira-Mar. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 215.
 - 14- Ibidem.
 - 15- ALPHONSUS, João. À deriva. In: _____. Contos e novelas. Rio de Janeiro; Brasília: Imago; MEC, 1976. p. 32.
 - 16- ALPHONSUS, João. O homem na sombra. In: _____. Contos e novelas. Rio de Janeiro, Brasília: Imago, MEC, 1976. p. 55.
 - 17- ANDRADE, Carlos Drummond de. Prosa seleta. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003. p. 303.
 - 18- ALPHONSUS, João. Totônio Pacheco, Rio de Janeiro, Brasília: Imago Editora; MEC, 1976. p. 127.
 - 19- ALPHONSUS, João. Totônio Pacheco. Rio de Janeiro, Brasília: Imago Editora; MEC, 1976. p. 35.
 - 20- ALPHONSUS, João. Belo Horizonte. Folha de Minas, jan. 1936.
 - 21- ALPHONSUS, João. Carta a Mário de Andrade, 19/12/ 1935. Arquivo Mário de Andrade, Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), pasta MA-C-CPL, nº 376.
 - 22- Carta de Mário de Andrade a João Alphonsus, 8/ 1/1935. Arquivo da família, cedida pelos filhos de João Alphonsus.
 - 23- ALPHONSUS, João. Belo Horizonte, Estado de Minas, 11 jan. 1936.
 - 24- Carta de Altim, fazendeiro de gado de Bambuí, enviada a Guy de Guimaraens, irmão de João Alphonsus. Arquivo da família, cedida pelos filhos de João Alphonsus.
 - 25- MENDES, Murilo. Boletim de Ariel, Rio de Janeiro, ano 2, n. 2, novembro de 1932.
 - 26- Vida ociosa, romance de Godofredo Rangel publicado em 1920.
 - 27- Carta de Mário de Andrade a João Alphonsus, 3/5/1938. Arquivo da família, cedida pelos filhos de João Alphonsus.
 - 28- ALPHONSUS, João. Rola-moça. Rio de Janeiro, Brasília: Imago; MEC, 1976. p. 49.
 - 29- ALPHONSUS, João. Carta a Mário de Andrade, 23/1/1944. Arquivo Mário de Andrade, Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), pasta MA-C-CPL, nº378.
 - 30- GUIMARAENS FILHO. Alphonsus de. Alphonsus de Guimaraens: um longo convívio póstumo. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 17 de julho de 1971.

DOMINGOS GUIMARAENS

é poeta e artista visual, doutor em Literatura pela PUC-Rio, professor da mesma instituição e da EAV do Parque Lage. Integrante do coletivo OPAVIVARÁ!. Em 2006 publicou o livro de poemas *A Gema do Sol* e em 2008, juntamente com Os Sete Novos, lançou o livro *Amoramérica*.

PEQUENA BIOGRAFIA DO ESCRITOR



Nasceu João Alphonsus em Conceição do Mato Dentro a 6 de Abril de 1901. Era filho do poeta Alphonsus de Guimaraens e de Dona Zenaide Silvina de Guimaraens, que se mudou para Belo Horizonte depois da morte do marido, ocorrida em 1921. Aqui concluiu a obra de educação de sua numerosa família.

Alphonsus de Guimaraens, em 1906, quando João tinha apenas cinco anos, transferiu-se, com todos os seus, para Mariana, onde seria juiz. A longa viagem entre as duas velhas cidades mineiras, realizada em lombo de burro, iria fixar-se para sempre na lembrança de João Alphonsus, que a lembrou em *Rola Moça*, romance com muitas características autobiográficas.

Em Mariana, o futuro contista mineiro estudou com uma professora particular. Ingressou depois no Grupo Escolar Gomes Freire, terminando o curso primário em 1912.

Parte de seus estudos de humanidades foram feitos no Seminário Arquiepiscopal, que ele frequentou entre os 13 e os 15 anos de idade. Do seminário, iria guardar recordações muito vivas. As de cunho religioso, por exemplo,



A família Guimaraens, com João atrás, de branco.

pois viveu intensa crise de misticismo na adolescência. Lembrava-se, muito depois, das discussões que então se travavam, dentro do educandário, entre germanófilos e aliadófilos, a propósito da I Grande Guerra. O poeta Alphonsus tomara partido dos aliados. Tinha grande admiração pela França. Escreve, então, versos em francês, atacando o Kaiser. O jovem João Alphonsus acompanha o pai nesse entusiasmo. Desde cedo, interessou-se o contista pelo estudo da língua francesa, que era o único idioma estrangeiro que chegou realmente a dominar.

O PENDOR LITERÁRIO

Nessa ocasião, o futuro autor de *Galinha cega* mostrava indisfarçável inclinação literária. Estava sempre vasculhando a biblioteca do pai. Nela encontrou os simbolistas franceses, ficcionistas europeus, autores brasileiros. Carlos de Laet, por exemplo, cujo livro em Minas o pai lhe pusera nas mãos aos 12 anos. Leu também Machado e Lima Barreto.

João Alphonsus iniciou muito cedo a produção de poesias. Seu pai não escondeu seu entusiasmo, expresso às vezes com reticências de modéstia. Alphonsus encaminhou poema do filho a seu amigo Belmiro Braga, no Rio, para publicação na revista *Fon Fon*. Foi nessa época, 1918, que João se transferiu para Belo Horizonte. Chegou aqui a 10 de abril daquele ano. Conseguiu um emprego de praticante na Secretaria das Finanças. O ambiente burocrático, com o qual entrou em contato muito cedo, iria refletir-se em sua obra.

MARIANA PRESENTE

De Mariana, o escritor guardaria muitas recordações agradáveis. Inclusive das namoradas. Relembrou-as numa crônica, quando de comemorações centenárias do Aleijadinho (1930). Recordou também a velha cidade em poemas de grande força evocativa. Durante a gripe espanhola, voltou a Mariana para visitar a mãe doente. Mantinha sempre correspondência com o pai. Em certa época, animou-o a transferir-se também para Belo Horizonte.

A JUVENTUDE

Em Belo Horizonte, teve uma juventude marcada pela boemia e pelo inconformismo intelectual. Continuou praticante da Diretoria de Fiscalização até 1929, com ligeiro interregno em 1921. De fato, segundo ele o narra, depois de uma reprovação escolar nos preparatórios e também logo após a morte do pai, conseguiu transferência para um posto fiscal de Minas situado em Ponta de Areia, no litoral baiano. Da rápida permanência na Bahia — talvez sua mais longa ausência de Minas—, adveio a experiência que lhe possibilitou escrever o conto "Pesca da baleia", sua única peça de ficção cujo cenário se situa fora do território mineiro.

A morte de Alphonsus abalou fortemente o espírito do filho. Possuía verdadeira veneração pelo Poeta, como ele o chamava às vezes. Dedicou-lhe, aliás, em 1919, belo soneto, que se tornou antológico. Por esse tempo, João Alphonsus já era um cético, embora a religiosidade paterna impregnasse muito seus sentimentos. Confessou, no fim da vida, ansiosa busca de uma estrada de Damasco.

A RODA LITERÁRIA

João Alphonsus encontrou muitos amigos na redação do *Diário de Minas*, o mais importante jornal belo-horizontino de então, porta-voz do Partido Republicano Mineiro. Nesse jornal, na livraria Alves e no Café Estrela — tudo na Rua da Bahia —, encontravam-se os moços como vocação literária: Carlos Drummond de Andrade, Martins de Almeida, Abgar Renault, Emílio Moura, Aníbal Machado. Formavam um grupo coeso. E havia mais: Milton Campos, Gabriel Passos, Euryalo Canabrava, todos também com acentuadas aptidões intelectuais. Daí surgiria, com mais alguns nomes, o Grupo Modernista Mineiro, que editou a Revista, das mais expressivas manifestações, na Província, do movimento de renovação artística que abalava o Brasil.

SURGE O PROSADOR

O trabalho intelectual de João Alphonsus, na redação do Diário de Minas, é intensíssimo. Escreve crônicas, assinadas com pseudônimos; faz entrevistas; publica artigos; redige editoriais. É então que começa também a produzir seus contos. A "Morte burocrática", por exemplo, é dos mais antigos. Assim como os quatro que compõem o livrinho *Galinha cega*.

É ainda no fim da década de 20 que inicia a elaboração de *Totônio Pacheco*, típico romance de costumes belo-horizontinos. A parte inicial do livro, depois ligeiramente modificada, ele a publicou pelas colunas do *Diário*.

O ensaio literário também o atraía. Escreveu, a partir de 1928, um rodapé de crítica para o *Estado de Minas*. Registra nele a produção literária mineira da época.

João Alphonsus emerge, assim, em plena década de 20, como o principal prosador mineiro do movimento modernista. Sua prosa era inovadora para o seu tempo. Escritores então muito jovens confessariam depois da influência que um conto como "Galinha cega" exerceu sobre eles. O contista inovava conscientemente. Pelas colunas do Diário de Minas, discutia com paixão as questões de linguagem engajando-se na campanha pela língua brasileira, deflagrada por Mário de Andrade em São Paulo. O autor de *Paulicéia desvairada* era a grande admiração literária de João Alphonsus, que o considerava líder de sua geração.

BACHAREL DE 30

Durante o ano de 1930, o grande contista foi redator-chefe do Diário de Minas. Viveu intensamente os pródomos da revolução de 1930.

Dirigia a redação do jornal perremista em plena campanha da Aliança Liberal. Isso explica, pelo menos em parte, o discurso do orador da sua turma de bacharéis (no mesmo ano de 1930), no qual interpreta a Revolução que se dera poucos dias antes. E o faz com invulgar acuidade política.

AS PROFISSÕES

João Alphonsus chegou ao curso jurídico depois de experiências interrompidas no Instituto de Química Industrial e na Faculdade de Medicina. Nesta, chegou a cursar dois anos. Atingiu, por esse motivo, um pouco tarde, o bacharelado em Direito. Ao diplomar-se, já era um escritor conhecido. Estava também casado: casara-se pouco antes com Dona Esmeralda Vianna de Guimaraens.

Nasceram-lhe três filhos: João Alphonsus Filho, Liliana, Fernão.

Sua vida familiar está refletida com grande ternura no romance *Rola Moça*, no qual refletem, igualmente, através do personagem autobiográfico Anfrísio da Conceição, muito do que de mais pessoal carregava consigo: suas recordações dos tempos heróicos do modernismo, seu gosto pela arquitetura, o desvelo e as dificuldades com que construiu a própria casa.

Depois de diplomar-se em Direito, dedicou-se principalmente à atividade jurídica como fonte de renda. Foi nomeado logo promotor público. E, logo mais tarde, auxiliar da Procuradoria Geral do Estado. Neste último cargo, em que se manteve até a morte, prestou muitos serviços à Justiça. Em função dele, viajou muito pelo interior de Minas, participou de conclaves jurídicos, publicou os Anais da Procuradoria etc.

SEMPRE O JORNALISMO

Jamais, entretanto, deixou o jornalismo. Colaborou na *Folha da Manhã*, de São Paulo; escreveu artigos para *Diário*, de Belo Horizonte; redigiu uma Resenha Jurídica para a Folha de Minas (1942); escreveu artigos de crítica para Autores e Livros, suplemento literário de A Manhã, do Rio. Alguns de seus melhores ensaios literários estão nas páginas desta última publicação. Voltava sempre a crônica, para a qual era particularmente bem dotado. Também escreveu comentários literários para serem lidos pela Rádio Inconfidência.

A CONSAGRAÇÃO

João Alphonsus chegou a conhecer a consagração de sua obra. Em 1935, *Totônio Pacheco*, juntamente com outras obras de ficção de inegável valor, recebeu o Prêmio Machado de Assis instituído pela Companhia Editora Nacional. Em 1940, *Rola Moça* recebeu o prêmio de romance da Academia Brasileira de Letras, mediante elogioso parecer de Alceu Amoroso Lima. Quando da publicação de seu primeiro romance, os intelectuais mineiros prestam calorosa homenagem, constante de banquete realizado no Country Club, e em que foi saudado por Milton Campos (janeiro de 1936). Enfim, a publicação de *Eis a noite!*, em 1943, recebia com as mais favoráveis manifestações da crítica. Seus contos aparecem em numerosas antologias.

João Alphonsus morreu a 23 de maio de 1944. Encontrava-se em plena maturidade intelectual. Seu desaparecimento causou impacto fortíssimo nos meios literários do País. No mesmo ano de sua morte (4 de agosto de 1944), o quinzenário *Mensagem*, dirigido por José Carlos Lisboa e tendo como redator-chefe João Etienne Filho, organizou excelente número de homenagem à sua memória.

SARDANAPALO

CONTO DE JOÃO ALPHONSUS

Sou farmacêutico modesto, de bairro pobre, mas assim como o senhor me vê, apenas bem mais moço e mais sonhador, já tive minhas fumaças de literato, e gozei mesmo de certo renome de poeta estudantil, nos tempos em que cursei farmácia em Ouro Preto. Meu Ouro Preto das repúblicas boêmias nos casarões infinitos cheios de quartos e de tradições, com percevejos de longas barbas multisseculares! Velha cidade que se conserva sempre a mesma, dentro deste século onde tudo mudou. Mas não falemos do meu Ouro Preto de todos os tempos, uma vez que a minha intenção é lhe explicar porque me arrepiei todo à passagem de um simples gato pela porta da minha farmácia, a esta hora noturna. Não é nenhuma superstição minha. Somente, não gosto de gatos, ou melhor, já gostei excessivamente de gatos, naquele tempo em que me tinha na conta de poeta e levava declaradamente uma vida de intelectual. Baudelaire e os gatos! Me convencera de que era espiritual ter um desses bichos no meu quarto de estudante, bicho amigo dos poetas, dos lunáticos. Influência dos vates franceses, de suas elegâncias exquises, com pulgas... Eu tinha um gato enorme no meu quarto de estudantes, bem alimentado, preguiçoso e inútil, a que batizara pomposamente, parnasianamente, de Sardanapalo. Imagine o senhor, Sardanapalo, hein! É mesmo pra rir... Assunto tenebroso para mim, gatos. A questão não é propriamente nem deixar de gostar deles. É que me sugerem qualquer coisa como remorso, ou remordimento de consciência, presa a este Sardanapalo que se tornou uma mancha negra na minha vida... Bem alimentado, o meu bichano não descia de sua condição especial de gato de poeta para comer os ratos que transitavam pela nossa república. Afugentava-os, às vezes, por desfastio ou talvez respeito à tradição de família. Era um gato preto, como convinha a um cultor das boas letras, que já lera Poe traduzido por Baudelaire. Preto e gordo. E lerdo. Tão gordo e lerdo que a certa altura observei que ia perdendo inteiramente as qualidades características da raça, que são em suma o ódio de morte aos ratos. Já nem os afugentava! Os ratos de Ouro Preto são também dignos e solenes e – não ria! – tradicionalistas... descendentes de outros ratos que naqueles mesmos casarões presenciaram acontecimentos importantes da nossa história... No sobrado do desembargador Tomás Antônio Gonzaga, imagine o senhor uma reunião dos sonhadores inconfindentes, com os antepassados daqueles ratos a passearem pelo sótão ou mesmo pelo assoalho por entre as pernas dos homens absortos na esperança da independência nacional! E depois, os ancestrs daqueles roedores que eu via agora deslizar sutilmente no meu quarto podiam ter subido pelo poste da ignomínia colonial, onde estava exposta a cabeça do Tiradentes! E quando as órbitas se descarnaram ignominiosamente, podiam até ter penetrado no recesso daquele crânio onde verdadeiramente ardera sem literatura, com a simplicidade do heroísmo, a febre nacionalista... São pensamentos que me vinham daquela ocasião, mas nem por isso desculpavam a falta de caráter em que ia chafurdando o meu Sardanapalo, a tal ponto





Carlos Wolney

que os ratos começaram a trafegar livremente no próprio canapé em que ele repousava a sua existência sem qualquer interesse. Via-o entre-abrir um dos olhos, espiá-lo uns segundos, continuar a dormir. Enquanto isto, os meus livros, até os meus caros livros dos poetas amados, apareciam roídos! Principiei então a diminuir-lhe os alimentos, devagar mas metodicamente ao mesmo tempo que Sardanapalo voltava mais ou menos a ser gato, saindo de súbito de sua madorna habitual para assustar com um tapa ao rato ousado que lhe passasse por perto. Não os deixava passar fome, o que não estava nos meus planos: desejava apenas que, apesar de bichano literário a que até já dedicara um soneto em alexandrinos, ou em razão disto, ele cumprisse uma função maneira de policiar os meus bens intelectuais contra a ação subversiva dos roedores. Porém a despeito do raciocínio, aliás um tanto generoso, eis que aparece parcialmente destruído um dos cadernos dos meus próprios versos! Olhei para Sardanapalo com desprezo, com raivosa insistência: o inútil supôs que se tratasse de um olhar de carinho mais prolongado e veio agradecer-me roçando pelas minhas pernas! Acabei coçando-lhe a cabeça, sorrindo diante daquele caso sem remédio, e saí para a rua, para a noite que iria terminar com uma daquelas ceias responsáveis pela minha dispepsia atual... Já pelas tantas, ao voltar para casa me lembrei dos versos roídos e resolvi não levar pra ele, como sempre fazia, um pedaço de linguiça da ceia. À última hora, cedendo ao bom coração, reuni somente alguns pedaços de pão largados sobre a mesa. Quando abri a porta Sardanapalo saltou do canapé, festivo e interesseiro: lhe atirei as migalhas num gesto de desdém e caí pesadamente na cama... Despertei com uma estranha barulhada no quarto, uma cadeira que tombava como uma bomba sobre as tábuas do soalho, som que retumbava nos cômodos vazios e abandonados do andar de baixo, de mistura com o chiar assustado de um rato. A pálida madrugada ouro-pretana, ainda em começo, entrava pela minha vidraça perto do céu, para me revelar Sardanapalo sentado no meio do aposento pousando uma das mãos sobre um rato enorme. Seria uma demonstração de sua eficiência, um

No sobrado do desembargador

Tomás Antônio Gonzaga,

imagine o senhor uma

reunião dos sonhadores

inconfidentes, com os

antepassados daqueles ratos

a passearem pelo sótão ou

mesmo pelo assoalho por

entre as pernas dos homens

absortos na esperança da

independência nacional!

E depois, os ancestres

daqueles roedores que

eu via agora deslizar

sutilmente no meu quarto

podiam ter subido pelo

poste da ignomínia colonial,

onde estava exposta a

cabeça do Tiradentes!

esforço para se reabilitar? Naquele instante, parecia tão possuído pelo gozo do apresamento que não deu a mínima importância à minha atenção pelo seu triunfo. Retirou a pata de cima presa e deitou em frente dela, preguiçosamente, como numa boa disposição para dormir ou pelo menos para cochilar. Segundos decorreram e de repente o rato disparou em fuga, sem conseguir

atingir senão uma pequena distância, menos da largura de uma tábua, pois Sardanapalo deu um salto, abocanhou-o trazendo-o à posição primitiva, humilde, anulado, perto do seu focinho, e se espichou com estudada displicência junto dele. Não o abocanhou propriamente, o que dá a impressão de violência: manteve-o delicadamente entre os dentes, sem magoá-lo, forçando-o a retornar ao ponto de partida. Não era a primeira vez que eu presenciava aquela cena entre um gato e um rato. Mas era a primeira vez que via o meu Sardanapalo agir assim, depois de ter sido arrancado do sono da madrugada, naquela hora confusa e indistinta, sem que meu corpo abandonasse a posição do sono, nem mesmo o agradável torpor das células meio adormecidas, até com a cabeça no travesseiro para seguir o desenvolvimento dos fatos... Dentro de alguns minutos, só existíamos no mundo, no universo, no espaço e no tempo, eu o gato e o rato. Sardanapalo se pôs a sufocar com pequenos golpes das patas dianteiras a menor tentativa de movimento do seu prisioneiro. Depois dos inumeráveis golpes delicados, quase gentis, que não o magoavam, deu início ao combate simulado. O rato, de tão insignificante, parecia ter diminuído de tamanho. Pobre, mísero ratinho que se entregou a movimentos desesperados que facilitaram a simulação da luta: sem ligar mais para a insistente delicadeza com que as patas do gato lhe ordenavam que estivesse quieto, procurava fugir-lhes a toda força, e Sardanapalo caía sobre ele, jogava-o no ar e se punha rapidamente de costas para apará-lo nas quatro patas, embolava-se com ele e vinham rolando juntos, como se o ratinho estivesse mesmo reagindo, até perto da cama; e voltavam rolando... Houve números de acrobacia quando Sardanapalo, de costas, manteve o animalzinho no ar sobre as patas, uma, duas, cinco vezes... Em seguida, permitiu que o rato, cada vez mais diminuído, medisse em correria a extensão do quarto, e foi saltando por cima dele, obliquamente, da cauda para a cabeça, de modo que o fugitivo tinha de momento a momento o seu caminho impedido e mudava constantemente de direção, desorientado e desesperado. Parecia mesmo brincadeira, mas nós três sabíamos que não era. O meu gato

cumpria fielmente o imperativo tradicional de raça contra raça, ou de espécie contra espécie, com todo o abuso da superioridade física, da supremacia do tamanho e da agilidade. A madrugada se tornara franca e a claridade descendo das penedias dava absoluta nitidez ao desenrolar natural daquelas crueldades impregnadas de elegância e se gentileza. Eu já não estava deitado e sim sentado, sem me importar com o frio (devia ter febre, parece-me hoje), as pernas pendendo da cama velha e alta, sem perder o mínimo detalhe de tudo, insensatamente entregue à observação da extrema variedade de atos. Mais do que entregue, — dominado eu mesmo por uma crueldade abstrata, com um sentimento bizarro que se me afigurava orgulho de ser dono de Sardanapalo, partícipe indireto mas voluntário daquele suplício que não acabava nunca!... O senhor conhece um conto de Villiers de Lisle-Adam, o *Suplício da Esperança*? Não? Um inquisidor determina que se suplicie uma de suas vítimas, como último recurso para tentar a salvação de sua alma, com a esperança de poder fugir da prisão; o homem descobre que a porta do calabouço foi esquecida com a fechadura aberta, empurra-a e sai pelos intermináveis corredores; os frades passam por ele, sem vê-lo em algum cotovelo de muro em que procurava se ocultar; um deles, que vem discutindo com outro sobre alto problema teológico, pousa sobre o fugitivo o olhar distraído, e o fugitivo se imobiliza num calafrio gelado, dentro de um desvão de parede; mas ambos distraidamente se afastam repetindo, entre outras palavras pias, o nome de Cristo; o fugitivo já está vendo a porta de saída, lá fora há luz e ar; se aproxima da liberdade, quando se sente abraçado pelo próprio inquisidor, que o chama de filho e lhe diz para não fugir dali, para não fugir de Cristo... É assim que guardei a recordação do conto, lido naquele tempo. No entanto, naquela hora estranha, me lembrei apenas daquele sistema original de suplício revelado ou imaginado pelo contista, e Sardanapalo — não ria! — também se lembrou de aplicá-lo, ou melhor, eu lhe transmiti o meu pensamento... O meu gato se deitava nonchalantemente e permitia que o prisioneiro corresse quanto que podia (já estava meio titubeante e exaurido, embora sem um arranhão), até no ângulo do quarto onde

havia um buraco de rato que eu entupia vãmente com jornais; já estava perto do buraco enxergando a abertura sombria, prelibando a escuridão e a estreiteza dos meandros onde nenhum gato jamais entrara ou entraria, a liberdade na sombra... já se aproximava do buraco, já estava a poucos centímetros dele! E o algoz em dois pulos alcançava-o e o trazia novamente na boca para o ponto de partida. Aliás, tudo aquilo, desde o começo, era puro suplício da esperança, com todas as variações imagináveis, cada variação repetida uma, duas, cinco, dez vezes... E eu sentado na cama acompanhando-as, empregando nervos e músculos em repetir até certo ponto aquelas diversões, gato eu mesmo, sim gato eu mesmo, não ria! Possuído por um entusiasmo cruel, torcendo como fazem os assistentes das pugnas esportivas de hoje... O rato já era um frangalho, martirizado com tal habilidade que não se lhe via o menor sinal de sangue. Se lhe acontecia, a um golpe de Sardanapalo, virar de costas, permanecia de costas agitando as patinhas e procurando apoio no infinito para tornar à posição normal, sem ânimo e sem forças... Também, já estávamos no fim. Sim, já estávamos no fim, eu e o meu gato contra aquele animalzinho quase sem alento de vida e que já nem se movia a novos e derradeiros tapas das patas. Talvez ainda pudesse se mover um pouco, mas não o tentava, convencido da absoluta inutilidade de tudo, nirvanizado... E o meu interesse pela progressão do acontecimento, interesse sem piedade, antes o contrário, estava atingindo o auge. Porém de minha parte não havia qualquer intenção de vingança ou pesar pelos versos roídos, pois tal espírito de vingança contra um insignificante ratinho, dentro de um ser humano, seria uma imperdoável monstruosidade. Era crueldade gratuita, uma intoxicação estranha e única de perversidade, com os nervos alertas mandando cargas para os músculos, tal se os músculos estivessem todos se movimentando como os de Sardanapalo no corpo do homem sentado, curvado sobre o suplicador e o supliciado, sacudindo as pernas nuas, agitando os braços, sem alma e sem frio, um possesso! Sim, é a palavra: um possesso! Sem repugnância alguma, até com uma certa volúpia demoníaca, vi o gato enorme, que enchia o quarto enorme com sua importância

extraordinária, abrir a boca, mostrar a fauce, e fechar a boca tendo entre os dentes o cabeça do ratinho, esmigalhando-o e engolindo-o lentamente... O rabinho penetrou ainda mais devagar, como uma cobrinha, e Sardanapalo teve uma ânsia de tosse, uma espécie de engasgo, quando a ponta fina e delicada lhe fez cócegas na garganta. Só então se dignou de olhar para mim. Mas que olhar! De cúmplice agradecido e enternecido talvez, depois de cumprir a ordem de matar que provinha do meu desprezo lhe manifestado na véspera. Mas sobretudo de acrobata exibidor gratíssimo por aquele meu aplauso mudo e paciente às suas habilidades. Talvez nada disso e apenasmente uma deferência amável para com o seu dono, após mostrar quanto podia fazer, como era hábil, ágil e poderoso... O certo é que não compreendi bem aquele olhar, a que correspondi constrangido, não pela humilhação da cumplicidade ou porque já me trabalhasse o remorso: — porque percebi assustado e confuso que a crueldade despertada em mim não estava satisfeita! Antes de voltar ao canapé, Sardanapalo veio até junto da cama, fitando-me ainda e sempre, e esfregou o corpo fluxuoso, peludo e quente, contra os meus pés frios e nus. Uma, duas, quatro vezes... Comecei a brincar nervosamente com ele, afastando os pés para que perdesse o equilíbrio quando mais se lhes encostava, calcando levemente com as plantas aquela barriga onde estava sepultado o ratinho. Sardanapalo abandonava-se no chão, agora se fazia pequenino, carinhosamente pequenino. Coloquei um dos calcanhares em cima de sua cabeça que se abaixou reverentemente, mansamente, agradecidamente. Súbita e irreprimível violência, desci o calcanhar com todo o peso do corpo e lhe esmigalhei o crânio. Não morreu logo. Começou a se afastar de costas, arrastando a cabeça, sem poder levantá-la do soalho, com a espinha dorsal partida, como se a cabeça estivesse presa com visgo à tábuas, sem miar nem gemer, apenas com uma espécie de engasgo. Abri a vidraça, agarrei-o pelo rabo e atirei-o para o ar puro e alto, o mais distante que pude. Foi cair lá no fundo do quintal abandonado e cheio de mato, rolou pelo declive forte até que uma moita de assa-peixe o reteve. Lá embaixo, ainda se movia, se arrastava. Desapareceu entre as folhas.

HENRIQUETA LISBOA

Não se deve tomar a literatura mineira como bloco de caracteres definidos. Pode-se, entretanto, falar tranquilamente em literatura mineira como complexo histórico, não propriamente em sentido evolutivo ou formativo, porque o fenômeno arte-literatura transcende, segundo creio, à evolução e à formação pelo seu mesmo fundamento que é a originalidade; em sentido histórico, sim, de informações ajustáveis, agrupamento de eventos similares, descobertas de causas e efeitos, denúncia de influências recíproca, interpretações e critérios semelhantes. Em tal sentido, o assunto pode ser abordado com certo orgulho, pois em verdade, desde os primórdios da literatura brasileira, Minas tem contribuído largamente para seu maior brilho e, particularmente, para sua mais profunda significação. E é óbvio, à hora em que a ciência coopera de modo tão valioso para a cultura humanística, emprestando-lhe novas luzes, já se torna um imperativo estudar o tema através da sociologia e da psicologia.

A mineiridade é um fato, ninguém o desconhece. O difícil seria focalizá-lo com determinadas cores e enquadrá-lo em moldura, pois a mineiridade, como a própria vida é muitas vezes contraditória, quando não desconexa, o que revela, sem dúvida, sua rica substância anímica.

Reforçou-me essa convicção a leitura de *João Alphonsus: Tempo e Modo*, ensaio de Fernando Correa Dias, professor universitário de sociologia e de filosofia.

Baseada em conhecimentos de natureza científica e em diretrizes de ordem filosófica, essa obra foge à classificação de estudo especializado para inscrever-se em esfera mais ampla, de essência literária, estilística e humana, o que me causou e vai por certo causar ao nosso ambiente intelectual, a mais grata surpresa. A iniciativa de tal trabalho representa, pelo menos entre nós, uma inovação da crítica. Por uma dessas raras coincidências, dois espíritos irmãos se encontram – e nem sequer em plataformas espaciais – fora de toda perspectiva: um ficcionista desaparecido em 1944 e um ensaísta jovem entraram em sintonização dentro da índole mineira que os distingue. O êxito do encontro deriva, não expressa, mas especialmente dessa afinidade.

Ao apontar os índices de provocação da terra, do meio exterior e das circunstâncias que induziram às reações de João Alphonsus. Dentro de sua maneira de ser, como homem e como escritor, Correa Dias demonstra, ao mesmo passo, sua própria mineiridade. Cada qual representa uma época e um modo de ser diferente: o ficcionista, através de uma fortíssima intuição que o levou a marcar vários de seus personagens de seu próprio ferrete mineiro, em momento de transição na estrutura montanhosa; o ensaísta, através de singular capacidade conceitual, iluminado por estudos gerais e dirigidos por sistemas modernos, numa fase de vida mais positiva e mais densa para nosso Estado e nossa grei.

Assim este livro não vem apenas acrescer o volume de nossa bibliotecas, a exemplos de tantas publicações ociosas: é um livro necessário, indeformável, que se destina a repercutir além das montanhas.

Possui perspectivas amplas, conquistadas minúcia a minúcia. Seu ponto de partida e de chegada é um movimento de simpatia sem concessões burguesas, orientado sempre pela consciência da responsabilidade; os aspectos eruditos e as observações espontâneas seguem linhas paralelas que

ENTRE MINEIROS

mutuamente se dignificam. Fruto de exaustivas pesquisas, especulações e mediações, é trabalho perfeitamente amadurecido, nada traindo de improviso, pressa ou gratuidade.

Depois da análise que faz do panorama de ficcionista, da geração e do meio, da expressão brasileira, da crença e do sentimento, da época e das idéias, do crescimento de Belo Horizonte, Correia Dias chega a uma conclusão serena, em cuja síntese se encontra a coroa de mineiridade a que me reportei de início. Não é categórico nem se mostra obstinado; excede-se tão-só na modéstia. Seu ensaio não é apenas subsídio para a elaboração de um julgamento como supõe o autor: constitui julgamento implícito, pois testemunha interesse ascendente pelos valores em causa, respeito sempre maior pela personalidade abordada. Não será um julgamento final, porque o mistério da criação poética é indelimitável e sempre haverá novos critérios e surgirão outros conceitos inspirados de prismas diferentes.

Sem dizer a última palavra que, aliás ninguém poderá dizer ainda, ou talvez nunca, tanto é difícil ao homem reconhecer a absoluta verdade em matéria de arte, o ensaísta desbasta uma área cerrada, abre um caminho a que certamente acorrerão clientes e adeptos na tentativa de darem a João Alphonsus o lugar que lhe compete por justiça. Concordo estritamente com a tese do autor: “Nas contradições que ela carrega (a obra em preço) se encontra, por certo, muito de sua riqueza”.

Tal contradição, que também se acusava na pessoa de João Alphonsus e pude observar através de ameno convívio, não o tornava de trato difícil mas delicado, sendo ele extremamente sensível. Uma simples palavra poderia feri-lo. Por isso parecia esquivo e escassamente sociável, preferindo os pequenos círculos da família e as amizades da província, onde e quando se expandia contando casos de viagens que fazia pelo interior, falando de letras, voltando sempre à tecla da poesia do pai.

Apesar da contradição que o tornava não um ser versátil, mas psicologicamente variável, entre indulgente e ressentido, mais indulgente do que ressentido diante dos impactos do mundo era João Alphonsus criatura de grande naturalidade nas atitudes. Paciente, não hostilizava a ninguém, ainda quando magoado. Falando-me, certa vez, da incompreensão de um companheiro, teve expressão reveladora: “Ô sujeito sem poesia!” Falta merecedora de desprezo, para o seu nobre coração. Eis o maior conflito de sua existência: a poesia a ser resguardada; e ao revés a realidade, desde a primeira fase de sua adolescência e demovê-lo, a reformar e deformar seu reino interior, acentuando-lhe o pessimismo talvez inato que não queria levar a sério. Sorria de lado, como dizem.

O embate entre o sonho e a vida é comum a quase todos nós. Mas é mais contundente, creio, para quem leva na própria sensibilidade a herança dos doloridos. Assim João Alphonsus, notadamente o escritor, oscilava entre simples e complicado. Sua obra é um misto de desconfiança e audácia. Seus personagens, mais ou menos tímidos, têm atitudes imprevisíveis. Há sempre alguém, nos seus contos, tentando transpor o limiar da loucura, ora por excesso de bondade, ora por extremos de perfídia. Toda a fauna de sua imaginação, embora tratada com ternura, move-se grotescamente em campos limosos, perde-se neles, sem deixar de evadir-se, com certa significativa frequência, para o lado de Deus. Isso por instinto, bracejando

alguns na ignorância, outros em pedantismo estéril, todos ao desamparo. Se uma palavra pudesse resumir a sensação que nos atinge, a transbordar desse estranho universo, havia de ser desamparo; ou desalento. Em clima de exaustão, em que não frutifica sequer o desespero, e muito menos floresce a esperança, os coitados que desejam ser bons procuram meios proibidos. No livro de mais relevante fatura artística, *Eis a Noite!*, aparece um conto ilustrativo a respeito: “O Mensageiro”. É a história daquele rapaz que se apresenta como um Felisberto Teixeira qualquer, vindo do interior para a Capital, residente numa qualquer pensão, revisor de um jornalzinho qualquer. Depois de transformar-se em anjo da guarda pacificador e doador de felicidade, proporcionando aos seus companheiros uma noite de alegria impossível de conservar-se, passa o pobre diabo a abrir as torneiras de gás da casa adormecida, “porque tinha tomado o lugar de Deus no seu pequeno mundo”. O desfecho atingindo de chofre, por superar um problema apenas esboçado em órbita metafísica, é de causar dor de cabeça. A mesma dor de cabeça que provoca Dostoievski ao inventar *O Idiota* como solução de santidade. Então, a nota essencial do estilo de João Alphonsus, que é o humor, mescla de compaixão e mordacidade, toma cores sombrias, assume amplitude maior. O trivial de suas primeiras experiências vai sendo dominado aos poucos com a aquisição da técnica e o amadurecimento do espírito.

O gênero a que ele se deu já é por si mesmo arriscado, espécie de caminhar em corda bamba, meio policial, meio bandido, fustigado pelas dramáticas incongruências da vida, atraído pelo lado côraico das cousas. A comicidade que, de acordo com Bergson, pode ser encontrada nas formas, nos movimentos, na situação, nas palavras e nos caracteres, mereceria estudo na obra de João Alphonsus, desde que muito cauteloso. Pois o que há de peculiar no seu riso é que ele nasce de uma angústia, tanto mais sufocante quanto mais humilde o objeto que se desperta.

Deve-se ainda observar que, além das agruras do gênero, o autor de *Galinha Cega* enfrentou os redemoinhos de uma revolução literária dela participando ativamente em fase inicial contra a quase totalidade de preferência, àquela época, o que é muito significativo.

Acima de tudo, porém, é o brasão da autenticidade humana a melhor defesa de seu patrimônio.

1 ALPHONSUS, João – *Eis a Noite!* – L. Martins Editora, São Paulo – 1943.

2 _____ *Galinha Cega* – Os amigos do livro, Belo Horizonte-1931.

3 _____ *A Pesca da Baleia* - Bluhn Ed., Belo Horizonte_1941.

4 CORREIA DIAS, Fernando - *João Alphonsus: Tempo e Modo* - Centro de Estudos Mineiros, Belo Horizonte_1965.

5 (Do livro *Vigília Poética de Henriqueta Lisboa* – Imprensa Publicações – I. O., Belo Horizonte – 1968)

HENRIQUETA LISBOA (1901-1985)

mineira de Lambari, é considerada uma das maiores poetisas brasileiras.

JOÃO ALPHONSUS

VISTO POR

PEDRO NAVA

A colaboração em prosa de *Revista* foi mais numerosa que a poética. Prosa de modernistas – quatorze autores e cinquenta e sete produções. Inclui-se aí o que aparece nas seções de crítica, noticiário e Marginália. A maioria dos artigos era de Carlos, Almeida e Emílio. Aparecem sem assinatura cerca de dezena e meia que podemos atribuir também aos três. Prosa de passadistas – nove autores e treze artigos. Poesia moderna – nove poetas e treze poemas. Poesia passadista – um só autor. Entre as produções em prosa sai publicada pela primeira vez “Pesca da Baleia”, trecho de *Náusea Infinita*, o “romance man-que” do grande João Alphonsus de Guimaraens. Dele também é o poema “Janeiro”. Só isto aparece com sua assinatura mas a qualidade dessas produções dão a esse querido companheiro uma imensa presença no órgão modernista. Caetano, Alvim, Guimarães e Guimaraens, o talento literário era uma fatalidade no seu sangue. Ele era filho do admirável Alphonsus de Guimaraens (Afonso Henriques de Guimaraens na vida civil) e de Dona Zenaide Silvina de Guimaraens, tendo nascido a 6 de abril de 1901 na cidade de Conceição do Serro. Iniciou suas humanidades em 1914, no Seminário de Mariana, vindo em 1918 para Belo Horizonte, onde vai concluí-las no Ginásio Mineiro. Foi acadêmico de Medicina durante os dois primeiros anos do curso, optando depois pelos estudos jurídicos. Matriculou-se na Faculdade de Direito de Belo Horizonte em 1926, tendo se formado em 1930. Orador da Turma. Esse poeta, filho de poeta, teve uma das mais brilhantes carreiras literárias de uma geração. É lamentável que sua produção em versos não tenha sido reunida ainda em livro e que esse grande aedo esteja passando aos poucos para as gerações futuras como o contista e o romancista realmente de primeiro plano que ele foi e que aos poucos se vá esquecendo uma contribuição poética – tão importante como a que ele deixou em prosa. Desde *Galinha Cega*, João revelou-se um dos maiores contistas brasileiros – a essa obra prima tendo se seguido outras de

qualidade antológica. Com *Totônio Pacheco* estreou-se romancista com um dos livros mais ricos do nosso modernismo, além do valor que tem de ser uma das crônicas mais fabulosas da vida belorizontina nos anos vinte – que marcam uma profunda evolução de costumes com a influência do cinema, do automóvel e da remodelação urbana iniciada pelo prefeito Flávio Santos. A linguagem de João Alphonsus é límpida, simples, cheia de equilíbrio, de valores estilísticos, da musicalidade de quem sabia admiravelmente o verso.

É um idioma mineiro e erudito, regionalista e nacional, cheio de achados neologísticos e de palavras inventadas de desenho suntuoso e grande força onomatopáica. Exemplo disto – o esmigalhadoramente que surge na Pesca da Baleia e de que eu logo me apropriei porque há *trouvailles* verbais dele, como de Drummond, Mário de Andrade, Oswald e Guimarães Rosa, que é como se já nascessem dicionarizados e todos nós podemos, assim, bicá-los no momento de nossa fome e de acordo com nossas necessidades. Entram na língua assim que criadas e passam a ser de todos. Os motivos de João são os da tragédia corriqueira a um tempo humilde e imensa – um oceano de amargura, lirismo e ternura contidos numa poça d’água. Seus tipos ficcionados – alguns nasceram de sua criatividade mais outros, de sua observação e colheita no cotidiano. De “A Noite do Conselheiro”, por exemplo, tenho a chave, segundo confidência dele próprio. O caso da bebedeira e da pena vermelha sucederam mesmo com nosso companheiro Zegão, cuja figura que ele antevia de futuro grande médico, foi transformada na dum conselheiro – grave, adulto, triste e saudoso de sua mocidade boêmia e dum instante que tinha valido mais que o resto de sua vida. A caridosa que acolhe o moço porrado era a *Maravilha* – velha catraia conhecidíssima na zona e que exercia ora na Rosa, ora na Carmem. Rolou depois para mais baixo e acabou no Curral das Vacas. Nada disso vale e sim o que se vê no conto – grande materna amante. Usei

antes a palavra ternura como sentimento sempre presente no nosso João e com que ele tratava invariavelmente seus personagens – desde os bons aos torpes – que ele igualava numa humanidade toda ela merecedora da pena que ele tinha dos bichos. E não me refiro só à sua galinha cega, ao seu burro Mansinho, ao seu gato Sardanalapo – a um tempo verdugo e mártir. Mas aos outros. A bicharada que pulula no seu livro com qualificativos e atributos humanos. Refiro-me aos cavalos que ouviam, aos gambás cantando, aos frangos entoados com cebolas, ao passarinho esmigalhado no seio da virgem pelo arroubo louco de Godofredo, aos grilos que povoam silêncios, aos insetos restituídos à noite por pobre humano – um instante usando a mão de São Francisco de Assis, ao entusiasmo lancinante dos casais de gatos nos quintais, às pulgas a quem se faziam perguntas e que morriam como Marias, às formigas varridas com folhas, papéis e cigarros; aos burros metódicos, aos burros que riam, à barata salva pela vassourinha caridosa, aos pernilongos musicando, ao sapo-ferreiro batendo compasso, aos bezerros “dignos de consideração” e capazes de pensamento, ao Mundico que não se sabe se é um galo, um homem ou um homem virando galo, aos percevejos “de longas barbas multisseculares”, aos ratos assustados e mais aos leitões, touros, bezerros, cachorros, ratas, zanas, pavões e borboletas, que compõem a paisagem natural e humana dos livros do nosso João, fazendo fundo com árvores águas capins casas quartos à morte de Ciana e aos amores inaugurais de Totônio adolescendo e pescando lambaris. Todos esses bichos que preocupavam seu criador e que ostentavam atributos humanos agiam, falavam, reagiam, pensavam, sorriam como se fossem humanos. Ah! “... uma sombra, um fruto, uma coisa, talvez uma alma, a natureza, o amor, o pirilampo, a mariposa...” Merecia um ensaio a identificação do autor com seus pobres bichinhos grandes como seus pobres homens...

João Alphonsus à época de *A Revista* trazia vinte e quatro anos completos. Era um moço de pouca altura, brevílino, mais para gordo. Quem conhece as obras completas de seu pai publicadas por Alphonsus de Guimaraens Filho pode ter uma ideia de como ele era de corpo – olhando a fotografia de seu avô Albino da Costa Guimaraens. De cara ele se parecia muito com aquele Hank Mann que foi um dos *boxeurs* de Carlito em *Luzes da Cidade* ou fazendo comparação mais

A linguagem de João Alphonsus é límpida, simples, cheia de equilíbrio, de valores estilísticos, da musicalidade de quem sabia admiravelmente o verso. É um idioma mineiro e erudito, regionalista e nacional.

nobre, com o Conde-Duque de Olivares nos retratos pintados por Velasques. Estou aqui a vê-lo de frente numa foto que ele me ofereceu. A testa ampla começando a ser aumentada pela calvície precoce. As sobrancelhas afastadas e levantadas no centro dando-lhe expressão triste e embaixo dela os olhos pequenos, espertos, muito escuros. Tinha a boca apertada e o queixo obstinado. Estou também a mirá-lo de perfil num retrato que lhe desenhei nesses velhos tempos e onde fiz um nariz volumoso de Silene cidadão, o jeito da boca, a predominância do lábio inferior que ele tinha, como o de cima, muito saudável e muito vermelho.

Falava sempre baixo, num agradável e discreto tom de voz mas tinha a gargalhada alta, franca, prolongada e dobrada. Ria de tudo que se lhe contava e ria do mesmo jeito dos próprios casos que relatava com a boca meio de lado, muito sério para de repente estourar de rir com o desfecho. Sua convivência era uma delícia – pelo seu cavalheirismo, discricção, a propósito, solidariedade, capacidade de ser amigo, inteligência, bom gosto e graça. Eu era um dos seus mais íntimos dentro da roda e mesmo depois da dispersão do nosso grupo continuamos amigos. Assim com que mágoa, eu, já médico no Rio de Janeiro, soube um dia que ele estava perdido em Belo Horizonte, presa da Moléstia de Jaccoud-Osler. Foi quando surgiu a penicilina e eu tive uma esperança. Telefonei para Belo Horizonte dizendo à sua esposa Tita que ia arranjar o remédio e mandar. Ela aceitou. Eu ia diariamente a Manguinhos buscar a que estavam fabricando aqui (que era distribuída já distribuída e cor de água de creolina) e em ampolas de cinco centímetros cúbicos. Eram umas poucas unidades. Acondicionava-as em garrafas térmicas cheias de gelo, ia despachar diretamente ao aeroporto, disparava a telefonar para Belo Horizonte avisando o número do voo para a família correr, à Pampulha e injetá-la o mais rapidamente possível. Como indicavam no Instituto. Tudo inútil. O querido amigo estava nos seus últimos dias e faleceu a 23 de maio de 1944. Tinha exatamente quarenta e três anos, um mês, duas semanas e três dias. Tão pouco...

(Do livro *Beira-Mar*)

PEDRO NAVA (1903-1984)

mineiro de Juiz de Fora, é considerado um dos maiores memorialistas brasileiros.

GALINHA CEGA

CONTO DE JOÃO ALPHONSUS

Na manhã sadia, o homem de barbas poentas, entronado na carrocinha, aspirou forte. O ar passava lhe dobrando o bigode ríspido como a um milharal. Berrou arrastadamente o pregão molengo:

— Frangos BONS e BARATOS!

Com as cabeças de mártires obscuros enfiadas na tela de arame os bichos piavam num protesto. Não eram bons. Nem mesmo baratos. Queriam apenas que os soltassem. Que lhes devolvessem o direito de continuar ciscando no terreiro amplo e longe.

— Psiu!

Foi o cavalo que ouviu e estacou, enquanto o seu dono terminava o pregão. Um bruto homem de barbas brancas na porta de um barracão chamava o vendedor cavando o ar com o braço enorme.

Quanto? Tanto. Mas puseram-se a discutir exaustivamente os preços. Não queriam por nada chegar a um acordo. O vendedor era macio. O comprador brusco.

— Olhe esta franguinha branca. Então não vale?

— Está gordota... E que bonitos olhos ela tem. Pretotes... Vá lá!

O homem de barba poentas entronou-se de novo e persistiu em gritar pela rua que despertava:

— Frangos BONS e BARATOS?

Carregando a franga, o comprador satisfeito penetrou no barracão.

— Olha, Inácia, o que eu comprei.

A mulher tinha um eterno descontentamento escondido nas rugas. Permaneceu calada.

— Olha os olhos. Pretotes...

— É.

— Gostei dela e comprei. Garanto que vai ser uma boa galinha.

— É.

No terreiro, sentido a liberdade que retornava, a franga agitou as penas e começou a catar afobada os bagos de milho que o novo dono lhe atirava divertidíssimo.

A rua era suburbana, calada, sem movimento. Mas no alto da colina dominando a cidade que se estendia lá embaixo cheia de árvores no dia e de luzes na noite. Perto havia moitas de pitangueiras a cuja sombra os galináceos podiam flunar à vontade e dormir a sesta.



Carlos Wolney

A franga não notou grande diferença entre a sua vida atual e a que levava em seu torrão natal distante. Muito distante. Lembrava-se vagamente de ter sido embalaiada com companheiros mal humorados. Carregaram os balaies e trouxe-mouxe para um galinheiro sobre rodas, comprido e distinto, mas sem poleiros. Houve um grito lá fora, lancinante, formidável. As paisagens começaram a correr nas grades, enquanto o galinheiro todo se agitava, barulhando e rangendo por baixo. Rolos de fumo rolavam com um cheiro paulificante. De longe em longe as paisagens paravam. Mas novo grito e elas de novo a correr. Na noite, sumiram-se as paisagens e apareceram fagulhas. Um fogo de artifício

Foi assim que, certa madrugada, quando abriu os olhos, abriu sem ver coisa alguma. Tudo em redor dela estava preto. Era só ela, pobre, indefesa galinha, dentro do infinitamente preto, perdida dentro do inexistente, pois que o mundo desaparecera e só ela existia inexplicavelmente dentro da sombra do nada.

como nunca vira. Aliás ela nunca tinha visto um fogo de artifício. Que lindo, que lindo. Adormecera numa enjoada madorna...

Viera depois outro dia de paisagens que tinham pressa.

Dia de sede e fome.

Agora a vida voltava a ser boa. Não tinha saudades do torrão natal. Possuía o bastante para sua felicidade: liberdade e milho. Só o galo é que às vezes vinha perturbá-la incompreensivelmente. Já lá vinha ele, bem elegante, com plumas, forte, resoluto. Já lá vinha. Não havia dúvida que era bem bonito. Já lá vinha... Sujeito cacete.

O galo – có, có, có – có, có, có – rodeou-a, abriu a casa, arranhou as penas com as unhas. Embarafustaram pelo mato numa carreira doida. E ela teve a revelação do lado contrário da vida. Sem grande contrariedade a não ser o propósito inconscientemente feminino de se esquivar, querendo e não querendo.

— A melhor galinha, Inácia! Boa à bessa!

— Não sei porque.

— Você sempre besta! Pois eu sei...

— Besta! Besta, hein?

— Desculpe, Inácia. Foi sem querer. Também você sabe que eu gosto da galinha e fica me amolando.

- Besta é você!

- Eu sei que eu sou.

Ao ruído do milho se espalhando na terra, a galinha lá foi correndo defender o seu quinhão, e os olhos do dono descansaram em suas penas brancas, no seu porte firme, com ternura. E os olhos notaram logo a anormalidade. A branquinha – era o nome que o dono lhe botara – bicava o chão doidamente e raro alcançava um grão. Bicava quase sempre a uma pequena distância de cada bago de milho e repetia o golpe, repetia com desespero, até catar um grão que nem sempre era aquele que visava.

O dono correu atrás de sua branquinha, agarrou-a, lhe examinou os olhos. Estavam direitinhos, graças a Deus, e muito pretos. Soltou-a no terreiro e lhe atirou mais milho. A galinha continuou a bicar o chão desorientada. Atirou ainda mais, com paciência, até que ela se fartasse. Mas não conseguiu com o gasto de milho, de que as outras se aproveitaram, atinar com a origem daquela desorientação. Que é que seria aquilo, meu Deus do céu. Se fosse efeito de uma pedrada na cabeça e se soubesse quem havia mandado a pedra, algum moleque da vizinhança, ai... Nem por sombra pensou que era a cegueira irremediável que principiava.

Também a galinha, coitada, não compreendia nada, absolutamente nada daquilo. Por que não vinham mais os dias luminosos em que procurava a sombra das pitangueiras? Sentia ainda o calor do sol, mas tudo quase sempre tão escuro. Quase que já não sabia onde é que estava a luz, onde é que estava a sombra.

Foi assim que, certa madrugada, quando abriu os olhos, abriu sem ver coisa alguma. Tudo em redor dela estava preto. Era só ela, pobre, indefesa galinha, dentro do infinitamente preto, perdida dentro do inexistente, pois que o mundo desaparecera e só ela existia inexplicavelmente dentro da sombra do nada. Estava ainda no poleiro. Ali se anulava, quietinha, se fanando quase sem sofrimento, porquanto a admirável clarividência dos seus instintos não podia conceber que ela estivesse viva e obrigada a viver, quando o mundo em redor se havia sumido.

Porém, suprema crueldade, os outros sentidos estavam atentos e fortes no seu corpo. Ouviu que as outras galinhas desciam do poleiro cantando alegremente. Ela, coitada, armou um pulo no vácuo e foi cair no chão invisível, tocando-o com o bico, pés, peito, o corpo todo. As outras cantavam. Espichava inutilmente o pescoço para passar além da sombra. Queria ver, queria ver! Para depois cantar.

As mãos carinhosas do dono suspenderam-na do chão.

— A coitada está cega, Inácia! Cega!

— É.

Nos olhos raiados de sangue do carroceiro (ele era carroceiro) boiavam duas lágrimas enormes.

Religiosamente, pela manhãzinha, ele dava milho na mão para a

galinha cega. As bicadas tontas, de violentas, faziam doer a palma da mão calosa. E ele sorria. Depois a conduzia ao poço, onde ela bebia com os pés dentro da água. A sensação direta da água nos pés lhe anunciava que era hora de matar a sede; curvava o pescoço rapidamente, mas nem sempre apenas o bico atingia a água: muita vez, no furor da sede longamente guardada, toda a cabeça mergulhava no líquido, e ela a sacudia, assim molhada, no ar. Gotas inúmeras se espargiam nas mãos e no rosto do carroceiro agachado junto do poço. Aquela água era como uma bênção para ele. Como a água benta, com que um Deus misericordioso e acessível aspergisse todas as dores animais. Bênção, água benta, ou coisa parecida: uma impressão de doloroso triunfo, de sofredora vitória sobre a desgraça inexplicável, injustificável, na carícia dos pingos de água, que não enxugava e lhe secavam lentamente na pela. Impressão, aliás, algo confusa, sem requintes psicológicos e sem literatura.

Depois de satisfeita a sede, ele a colocava no pequeno cercado de tela separado do terreiro (as outras galinhas martirizavam muito a branquinha) que construía especialmente para ela. De tardinha dava-lhe outra vez milho e água, e deixava a pobre cega num poleiro solitário, dentro do cercado.

Porque o bico e as unhas não mais catassem e ciscassem, puseram-se a crescer. A galinha ia adquirindo um aspecto irrisório de rapace, ironia do destino, o bico recurvo, as unhas aduncas. E tal crescimento já lhe atrapalhava os passos, lhe impedia de comer e beber. Ele notou mais essa miséria e, de vez em quando, com a tesoura, aparava o excesso de substância córnea no serzinho desgraçado e querido.

Entretanto, a galinha já se sentia de novo quase feliz. Tinha delidas lembranças da claridade sumida. No terreiro plano ela podia ir e vir à vontade até topar a tela de arame, e abrigar-se do sol debaixo do seu poleiro solitário. Ainda tinha liberdade — o pouco de liberdade necessária à sua cegueira. E milho. Não compreendia nem procurava compreender aquilo. Tinham soprado a lâmpada e acabou-se. Quem tinha soprado não era da conta dela. Mas o que lhe doía fundamente era já não poder ver o galo de plumas bonitas. E não sentir mais o galo perturbá-lo com o seu có-có-có malicioso. O ingrato.

Em determinadas tardes, na ternura crescente do parati, ele pegava a galinha, após dar-lhe comida e bebida, se sentava na porta do terreiro e começava a niná-la com a voz branda, comovida:

— Coitadinha a minha ceguinha!

— Tadinha da ceguinha...

Depois, já de noite, ia botá-la no poleiro solitário.

De repente os acontecimentos se precipitaram.

— Entra!

— Centra!

A meninada ria a maldade atávica no gozo do futebol originalíssimo. A galinha se abandonava sem protesto na sua treva à mercê dos chutes. Ia e vinha. Os meninos não chutavam com tanta força como a uma bola, mas chutavam, e gozavam a brincadeira.

O carroceiro não quis saber porque é que sua ceguinha estava no meio da rua. Avançou como um possesso com o chicote que assoviou

para atingir umas nádegas tenras. Zebrou carnes nos estalos da longa tira de sola. O grupo de guris se dispersou em prantos, risos, insultos pesados, revolta.

— Você chicoteou o filho do delegado. Vamos à delegacia.

Quando saiu do xadrez, na manhã seguinte, levava um nó na garganta. Rubro de raiva impotente. Foi quase que correndo para casa.

— Onde está a galinha, Inácia?

— Vai ver.

Encontrou-a no terreirinho, estirada, morta! Por todos os lados havia penas arrancadas, mostrando que a pobre se debatera, lutara contra o inimigo, antes deste abrir-lhe o pescoço, onde existiam coágulos de sangue...

Era tão trágico o aspecto do marido que os olhos a mulher se esbugalharam de pavor.

— Não fui eu não! Com certeza um gambá!

— Você não viu?

— Não acordei! Não pude acordar!

Ele mandou a enorme mão fechada contra as rugas dela. A velha tomou nocaute, mas sem aguardar a contagem dos pontos escapuliu para a rua gritando: — Me acudam!

Quando de novo saiu do xadrez, na manhã seguinte, tinha açambarcado todas as iras do mundo. Arquitetava vinganças tremendas contra o gambá. Todo gambá é pau-d'água. Deixaria uma gamela com cachaça no terreiro. Quando o bichinho se embriagasse, havia de matá-lo aos poucos. De-va-ga-ri-nho. GOSTOSAMENTE.

De noite preparou a esquisita armadilha e ficou esperando. Logo pelas 20 horas o sono chegou. Cansado da insônia no xadrez, ele não resistiu. Mas acordou justamente na hora precisa, necessária. À porta do galinheiro, ao luar leitoso, junto à mancha redonda da gamela, tinha outra mancha escura que se movia dificilmente.

Foi se aproximando sorrateiro, traiçoeiro, meio agachado, examinando em olhadas rápidas o terreno em volta, as possibilidades de fuga do animal, para destruí-las de pronto, se necessário. O gambá fixou-o com os olhos espertos e inocentes e começou a rir:

— Kiss! Kiss! Kiss!

(Se o gambá fosse inglês com certeza estaria pedindo beijos. Mas não era. No mínimo estava comunicando que houvera querido alguma coisa. Comer galinhas por exemplo. Bêbado).

O carroceiro examinou o bichinho curiosamente. O luar, que favorece os surtos de raposas e gambás nos galinheiros, era esplêndido. Mas apenas tocou-o de leve com o pé, já simpatizado:

— Vai embora, seu tratante!

O gambá foi indo tropeçadamente. Passou por baixo da tela e parou olhando para a lua. Se sentia imensamente feliz o bichinho e começou a cantarolar imbecilmente, como qualquer criatura humana:

— A lua como um balão balança!

A lua como um balão balança!

A lua como um bal...

E adormeceu de súbito debaixo de uma pitangueira.

O JORNALISTA JOÃO ALPHONSUS

O talento de João Alphonsus se manifestou em outras atividades. Contista, romancista e poeta, foi também Procurador de Justiça e jornalista, aventurando-se em crônicas sobre esporte e literatura. Aqui, revelamos um relato seu sobre futebol e uma saudação pioneira sobre a estreia em livro de um então jovem poeta, Carlos Drummond de Andrade.

"SURGIU EM MINAS UM GRANDE LIVRO"

(saudando *Alguma Poesia*)

JOÃO ALPHONSUS

Um dos primeiros registros críticos aparecidos na imprensa brasileira sobre Alguma Poesia, de Carlos Drummond de Andrade (Edições Pindorama, Belo Horizonte, 1930) foi o que fez João Alphonsus, em sua Crônica Literária, publicada semanalmente pelas colunas do Estado de Minas. O artigo saiu a 11 de maio de 1930. Transcrevemo-lo, com um duplo objetivo: de colocar ao alcance do público um texto representativo da crítica literária que João Alphonsus praticava a esse tempo, e de lembrar os laços de amizade que uniram os dois escritores. A ligação entre ambos tem sido sempre lembrada com a anotação de que o contista representou, na prosa modernista de Minas, papel semelhante ao que Carlos Drummond de Andrade assumiu no campo da poesia.

O acontecimento teria dado uma sacudidela benfazeja na estagnação do brejo literário, onde os sapos ao que parecem estavam calçados para sempre? Não sei. Por enquanto, ainda não percebo sinais disso, e apenas, se muito uns estremecimentos irritados. A massa dos nossos literatos não parece ter percebido muito claramente o aparecimento de um novo e desconcertante livro de verso desconcertante, mas logo para essa massa indiferente.

Eu lembro no crescimento desta cidade de Belo Horizonte, à precariedade antiga, de nossa viação urbana, o sucesso que fizeram os bondes de oito rodas. Quando um tal desses bondes vinha pela rua de um bairro tranquilo, cheio de casas desabitadas, se presenciava um verdadeiro milagre: apareciam moradores nas moradias abandonadas, pejando as janelas ansiosos e divertidos. Mas será que ele não desencarrila nas curvas? Será que ele não perde os freios na rua da Bahia?

Eram perguntas ansiosas e solenes. Essas e outras. Depois que o bonde passava, a rua

retornava à tranquilidade acabrunhadora, as casas se desabitavam novamente, a atividade subia apenas das chaminés responsáveis pela função dos estômagos mineiros, da "Minas do lume e do pão", da gente sumida no interior dos lares.

Em todo o caso, à passagem do bonde, sempre havia uma certa animação. Pois agora, literariamente falando, Belo Horizonte acaba de adquirir um bonde de oito rodas, e nem dá por isso. Quéde a gente nas janelas? Ninguém. Custa tanto chegar até na sala, na sala do espírito, da sensibilidade, da inteligência, e abrir a janela para o infinito... Mulher, me dá o jantar, um jornal que não fale em poesia, em letras – só em letras, e vamos ruminar, mineiramente, a nossa melancolia cotidiana...

Preliminarmente, eu sei que a comparação de *Alguma poesia*, o livro de versos do Sr. Carlos Drummond de Andrade, com um bonde de oito rodas, vai chocar meus possíveis leitores: comprar um bonde, é o diabo.

Ilusão, somente. Comprar um bonde, sem comprar pagando dinheiro do contado e vão ficando com o veículo, foi isso que popularizou a expressão, dentro deste país sem expressão. Se o cidadão comprante ficasse com o bonde, de

fato, de direito, estava salva a pátria. Deixaria de existir expressão, de que estou abusando neste momento.

A tapeação é que estragou tudo, na tal compra. Ora, se eu publicasse um livro, verso ou prosa, e a nossa cidade indiferente se interessasse por ele tanto como se interessou pelos bondes de oito rodas adquiridos de verdade, palavra que julgar-me-ia pago da canseira, e repousaria sobre os louros da vitória. Logo, está certo, e o leitor deve retirar a estranheza. Se é que estranhou mesmo.

Existe um poema impressionante de Manuel Bandeira, que principia assim:

*Na sala obscura, onde branqueja
A marcha longa do teclado
Morre, revive, expira, arqueja
O estribilho desesperado*

E acaba assim:

*É uma tristeza, de tal sorte,
Vem nesta pobre voz humana,
Que se pensa em fugir da morte
A tristeza quotidiana.*



Esses versos, tão antigos e tão bonitos, têm toda a oportunidade em que se tratando dos poemas do Sr. Carlos Drummond de Andrade. De repente, o estribilho desesperado, na sala obscura, na rua clara. Mas, também de repente, o sorriso amargo que tira a diferença para as arestas, põe a vida em condições tanto quanto possível aceitáveis. Cito a famosa “Cantiga de viúvo”:

*A noite caiu na minh'alma
fiquei triste sem querer.
Uma sombra veio vindo,
veio vindo, me abraçou.*

*Era a sombra de meu bem,
que morreu a tanto tempo.
Me abraçou com tanto amor
me apertou com tanto fogo
me beijou, me consolou.
Depois riu devagarinho,
me disse adeus com a cabeça
e saiu. Fechou a porta.
Ouvi seus passos na escada.
Depois mais nada... acabou.*

Poema cheio de música, essa “Cantiga de viúvo”, foi musicada, numa “Seresta”, pelo grande compositor brasileiro Villa-Lobos.

Na sua última estada em Belo Horizonte, a cantora Patrícia Elsie Houston, mulher do supra-realista francês Benjamin Péret, cantou no salão do Grande Hotel a “seresta” do maestro ilustre, para o poeta ouvir rodeado de companheiros.

Não pude ir lá, e senti. Inimigo dos poemas musicados, queria ver até onde pôde chegar o poder criador do formidável músico moderno, num terreno tão cheio de dificuldades, onde o musicador ou fica humanamente muito aquém ou muito além do poema, dando em ambos os casos uma impressão confortadora de ridículo.

E já que me aventurei por esse lado, quero citar o Sr. Carlos Drummond de Andrade escutando Chopin:

*MÚSICA
A Pedro Nava
Uma coisa triste no fundo da sala.
Me disseram que era Chopin.
A mulher de braços redondos que*

*nem coxas
martelava na dentadura dura
sob o lustre complacente.
Eu considerei as contas que era
preciso pagar,
os passos que era preciso dar,
as dificuldades...
Enquadrei o Chopin na minha
tristeza
e na dentadura amarela e preta
meus cuidados voaram que nem
borboletas.*

A minha impressão a respeito de livros, de versos, antigos e modernos, começa, ou acaba às vezes, com uma acentuada decepção. A coisa começou com Raymundo Corrêa, quase no tempo da infância querida. As antologias, as revistas, os jornais haviam me revelado os sonetos melhores do poeta de “As pombas”, de “Mal secreto”, etc.

Quando tive na mão o seu livro, logo decepção: os versos publicados abundantemente, não condiziam com o resto da coletânea, ressaltando pelo valor, muito acima dos outros: do contrário, não teriam sido publicados abundantemente.

Desse mal padeciam todas as outras coletâneas de poemas, dos mais variados poetas, que fui conhecendo, numa matemática falta de unidade poética. Só depois vim a descobrir que, na poesia como na vida, a organização tem que ser obrigatoriamente esta, para evitar as planuras e as monotonias; altos e baixos. A descoberta não foi sensacional, mas foi o enquadramento, dentro da vida tal qual é, de um espírito a que parecia possível viver dentro de um deslumbramento perpétuo – que fadigaría, afinal de contas...

A lógica dos altos e baixos, na sucessão dos dias, dos altos, dos poemas, chega, entretanto, a extremos de espantar: nós nos perguntamos como é uma criatura que fez isso depois capaz de fazer aquilo. E caímos das nuvens. Melhor que de um terceiro andar (terceiro ou quarto?) como disse o amigo Brás Cubas através da orientação do inimigo Machado de Assis, num tempo em que a vida não se havia ainda complicado com os arranha-céus. Para mim, as páginas de livro de versos são sempre um convite para cair das nuvens, de vez em quando.

Porém se pode dizer, com festa, que na poesia

moderna – modernista, se querem – o perigo da queda quase que desaparece. A abolição da roupagem literária, que fazia a boniteza dos sonetos daquele tempo, reduziu os poemas, notações líricas, doces ou travosas, ao seu máximo de intensidade poética.

Um modernista, poeta por necessidade intrínseca e não por falta de que fazer, seria incapaz de dizer para si: vou fazer um poema da pontinha! Então, escolher a chave de ouro, e armar em cima desse alicerce a construção agradável ao ouvido e à precisão humana de fogos-de-vista.

O poeta “entra no elevador” – canta o Sr. Carlos Drummond, com a intenção humana de subir ou descer, e não de fazer versos; fecha-se depois no quarto, e sai para o livro com um poema. Irônico e vasto. Por exemplo. Um choque.

A poesia moderna não é fabricada; nasce. Antigamente, já existiam poetas assim, mas geralmente a elaboração gastava tempo. E Bilac, pedagogo da versejação, aconselhava que o cidadão fizesse o soneto na cabeça, num grande trabalho de lima e solda, tirando-o já prontinho para o papel.

Ora, agora a impulsão lírica pula de súbito. Sim, é um choque, um repente, vezes hermeticamente fechado para o leitor futuro. Necessidade interior. Maneira de ser diante da vida. Mesmo tempo dos Bilac, a modo de tentar a toda a gente desocupada à procura de trilhos para sua personalidade, como para suas botinas. Sapatos, faz favor.

*COTA O
Stop.
A vida parou
Ou foi o automóvel?*

Isso é o poema da página 115 de *Alguma poesia*. Se o poetas antigo nos propinava, em livros, as quedas bruscas, uma verdadeira corrida de obstáculos, já assim não é no poetas moderno. Não se substituíram os acidentes do terreno emocional pela planura pela monotonia. Há os choques. Os golpes profundos na sensibilidade. Diretos. O leitor, se não fica nocaute fica indignado, perguntando para que tanta bobagem reunida. Como já tenho tido notícias belorizontinas a respeito da obra recente do Sr. Carlos Drummond de Andrade. Ao poeta assiste apenas a obrigação de ser honesto. Sincero.

FUTEBOL

JOÃO ALPHONSUS

Parece que não ha no mundo caso identico ao do Brasil, no concernente ao futebol, à adaptação cabal, completa, integral, do futebol à grande nação tropical que responde pelo nome de Brasil. O futebol é o esporte chamado bretão e creado, por injuncções das necessidades esportivas, como o melhor gesto de agitação methodica para combater o frio. Nós, porém, que vivemos no calor, no quasi calor e no meio-calor, pegamos no futebol, naquelle futebol que se especializou com o nome de “association” por ser menos amassador do que o “rugby” tão querido dos americanos do norte; pegamos no futebol, demos-lhe novo geito, nova technica, cuidamos delle com amor e gloria, e a planta pegou que nem o café: o café, que veio das Indias, é hoje o mais conhecido arbusto do paiz; o futebol, que veio da Inglaterra, é agora o esporte nacional por excellencia. Quem disser que o futebol não é brasileiro, mente, com ou sem convicção de mentir.

Os philologos, criaturas que geralmente andam no mundo da lua, julgaram de bom aviso trazer a sua preciosa ajuda ao trabalho de adaptação. Assim como o pic-nic foi transformado deshumanamente em convescote, o futebol virou rébola, ludopédio, etc..

Aconteceu, porém, um desencontro de idéias. Pic-nic resistiu ao acinte e continuou pic-nic, mas sahiu da moda, quasi; futebol tambem resistiu, porém ganhou maior força expansiva, capacitando-se a gente nossa de que chutar uma bola é um problema essencial para a vida da nossa querida e fagueira nacionalidade.

A força expansiva continua num verdadeiro crescendo optimista. O menino brasileiro, quando aprende a dandar, aprende tambem a chutar, ou tentar chutar. De certa idade em diante, o menino almoça, janta, dorme futebol. Sobretudo futebol. Na escola, chuta a perna do seu collega de carteira;

na rua, briga de chutes e lá com um ou outro socco; em casa, vae para o quintal, onde ha dois paus fincados à guisa de gôl, e a bola de borracha ou de meia vem e vae, vae e vem. Si o menino faz isso, é porque os adultos fazem quasi o mesmo. Si não mexem com as pernas, mexem com a lingua: batem bola com a bocca.

Nessas circunstancias, o futuro do Brasil está garantido sob o seu aspecto esportivo. Si nós já somos ou quasi somos os reis do “association” no mundo, melhor ainda seremos nos tempos vindouros, com essa menina que vea crescendo absolutamente vivendo o futebol.

Que futebolistas quando ficarem grandes.

Todas as minhas reflexões tem um motivo: estas sobre o futebol, motivou-as o meu filho mais velho na manhã de hontem.

O primogenito foi encarregado de pegar uma gallinha que fugira para a rua. Em companhia de tres guryes da vizinhança, entrou para o terreiro. Puzeram-se a perseguir a pobre gallinha. Da janela, eu comandava as manobras. Num momento, o Quincas, do dentista, atirou-se contra o bicho que escapou de suas mãos. Ô furada! foi a exclamação dos outros. A linguagem era futebolistica. Quando a gallinha vinha correndo, os meninos faziam lindas descahidas, mas a gallinha passava. De repente, no canto do muro – como de uma trave – o primogenito descahiu rapido, estendeu-se no chão, segurou o gallinaceo. Uma pegada magistral. Os outros reconheceram isso.

Na janella, senti um certo orgulho. O primogenito, um dia, ainda ha de ser um grande kiper, fazendo pegadas magistraes não de galinhas, mas de bolas nº 5, entre ovações de vinte, quarenta, cem mil espectadores... Igual, por exemplo, ao jogador Nariz, que se formou em Medicina, mas preferiu continuar nas canchas...

METROPOLE

11

F U T E B O L

PARECE que não ha no mundo caso identico ao do Brasil, no concernente ao futebol, á adaptação cabal, completa, integral, do futebol á grande nação tropical que responde pelo nome de Brasil. O futebol é o esporte chamado bretão e creado, por injunções das necessidades esportivas, como o melhor gesto de agitação methodica para combater o frio. Nós, porém, que vivemos no calor, no quasi calor e no meio-calor, pegamos no futebol, naquelle futebol que se especializou com o nome de "association" por ser menos amassador do que o "rugby" tão querido dos americanos do norte; pegamos no futebol, demos-lhe novo geito, nova technica, cuidamos delle com amor e gloria, e a planta pegou que nem o café: o café, que veio das Indias, é hoje o mais conhecido arbusto do paiz; o futebol, que veio da Inglaterra, é agora o esporte nacional por excellencia. Quem disser que o futebol não é brasileiro, mente, com ou sem convicção de mentir.

Os philologos, creaturas que geralmente andam no mundo da lua, julgaram de bom aviso trazer a sua preciosa ajuda ao trabalho de adaptação. Assim como o pic-nic foi transformado deshumanamente em convescote, o futebol virou rébola, ludopédio, etc..

Aconteceu, porém, um desencontro de idéas. Pic-nic resistiu ao acinte e continuou pic-nic, mas sahiu da moda, quasi; futebol tambem resistiu, porém ganhou maior força expansiva, capacitando-se a gente nçsa de que chutar uma bola é um problema essencial para a vida da nossa querida e fagueira nacionalidade.

A força expansiva continua num verdadeiro crescendo optimista. O menino brasileiro, quando aprende a dandar, aprende tambem a chutar, ou tentar chutar. De certa idade em diante, o menino almoça, janta, dorme futebol. Sobretudo futebol. Na escola, chuta a perna do seu collega de carteira; na rua, briga de chutes e lá com um ou outro socco; em casa, vae para o quintal, onde ha dois paus fincados á guisa de gôl, e a bola de borracha ou de meia vem e vae, vae e vem. Si o menino faz isso, é porque os adultos fazem quasi o mesmo. Si não mexem com as pernas, mexem com lingua: batem bola com a bocca.

Nessas circumstancias, o futuro do Brasil está garantido sob o seu aspecto esportivo. Si nós já somos ou quasi somos os reis do "association" no mundo, melhor ainda seremos nos tempos vindouros, com essa menina que vae crescendo absolutamente vivendo futebol.

Que futebolistas quando ficarem grandes.

Todas as minhas reflexões tem um motivo: estas sobre o futebol, motivou-as o meu filho mais velho na manhã de hontem.

O primogenito foi encarregado de pegar uma gallinha que fugira para a rua. Em companhia de tres guryrs da vizinhança, entrou para o terreiro. Puzeram-se a perseguir a pobre gallinha. Da janella, eu com mandava as manobras. Num momento, o Quincas, do dentista, atirou-se contra o bicho que escapou de suas mãos. Ô furada! foi a exclamação dos outros. A linguagem era futebolistica. Quando a gallinha vinha correndo, os meninos faziam lindas descahidas, mas a gallinha passava. De repente, no canto do muro — como de uma trave — o primogenito descahiu rápido, estendeu-se no chão, segurou o gallinaceo. Uma pegada magistral. Os outros reconheceram isso.

Na janella, senti um certo orgulho. O primogenito, um dia, ainda ha de ser um grande kiper, fazendo pegadas magistraes não de gallinhas, mas de bolas n.º 5, entre ovações de vinte, quarenta, cem mil espectadores... Igual, por exemplo, ao jogador Nariz, que se formou em Medicina, mas preferiu continuar nas canchas...

JOÃO ALPHONSUS

A FACE HUMANA DE JOÃO

PAULO MENDES CAMPOS



João Alphonsus

Conheci pouco João Alphonsus. Talvez tenha mesmo estado mais tempo com ele durante a morte do que a soma de todos os momentos que passei perto dele vivo. O seu jeito arredo me afastava de uma procura maior. Eu não sabia bem o que significava aquele sorriso pendurado na extremidade esquerda de seus lábios. Hoje que a morte me obriga a fixar-lhe as perspectivas humanas, sei que aquele riso irônico era timidez e bondade. Estive com o João Alphonsus nas vésperas da deliberação da doença. Fôramos visitar o pintor Di Cavalcanti que estava entre nós. O andar lento, os gestos sóbrios, como sempre, mas nenhum sinal de debilidade orgânica ou espiritual denunciava em João Alphonsus a proximidade do lento e doloroso desenlace. Aliás, a vitalidade do espírito sei que ele, numa prova de pureza e coragem, conservou até suas últimas forças. João Alphonsus diante da morte se interessava pelas coisas do mundo, pela política, pela guerra, pela condição humana cada vez mais melancólica de nossos tempos. Ele contou a Emílio Moura que tinha pronto na cabeça o seu melhor conto, dessa vez a história de um cachorro. Nunca saberemos a história desse cão, é uma coisa perdida para sempre, uma alegria que não ficará conosco como seus outros contos, e como um símbolo de todas as outras coisas belas que se aniquilaram na morte desse mineiro cem por cento.

PAULO MENDES CAMPOS (1922-1991)
mineiro de Belo Horizonte, foi poeta e cronista.

POEMAS DE JOÃO ALPHONSUS

CABARÉ (1926)

No cabaré à beira da estrada de ferro
Quando o noturno rangeu na noite
A sineta insistente da locomotiva
Associou-se alegremente ao jazz.

DESOLAÇÃO (1938)

Não a amplitude dos céus escampos onde as estrelas brilharão toda a noite.
Não as estradas conduzindo a noite para o dia.
Se caminhasses depressa encontrarias o dia vindo ao teu encontro.
Mas não caminhas. Nem depressa nem devagar.
Parado dentro da noite.

Não a amplitude das paisagens que se sucedem, se unem, se repetem, não passam, não passarão.
Só este quarto e dentro deste quarto o homem amável.
Como vai você? Vai-se indo. Que calor. Chove? Não chove não.

Se o visitante pudesse voar, eu lhe pediria para ver o que está para além dos aléns.
Para que depois me viesse contar o que viu, o que não viu.
Mas não vale se entregar a pensamentos assim.
A anseios tais.

Ela esteve meio adoentada. Mas depois melhorou.
Também com este tempo incerto...
Tudo é incerto. Nem sei se estou vivo e propriamente aqui distribuindo amabilidades banais.
Tudo se confunde na mesma desolação sem fim nem começo.
Abro a boca. Não digo nada. Que é que estou dizendo?
Absolutamente nada.
Péssima brincadeira de um deus brincalhão.
(Conta, pelo amor de Deus uma pilhéria pornográfica!)
Humanidade vem, humanidade vai.
Desolação.

IMPORTUNAÇÃO (1927)

Mulher que passa me diz uma coisa:
Tu gostarias por exemplo de mim
Si eu te adorasse diariamente
Com a mais cacete adoração?

Si eu te dissesse coisas gostosas.
Te desse vestido joias dinheiro
Um automóvel para os passeios
Musicas flores diversões?

Si eu sem cabeça como um dodivanas
Me encalacrasse por tua causa.
Desse facadas assinasse letras
Comprasse impossíveis a prestações?

Mulher que passa me diz uma coisa:
Tu gostarias por exemplo de mim
Si eu não fizesse nada disso
E te oferecesse meu coração?

Mulher que passa não me respondas.
Passa calada como quem nem liga.
Que me importa o que me dissesse
Se o encanto todo é perguntar.

ELA (1927)

ainda usa olheiras neurastênicas
e um desejo doido de morrer de amor
todos os dias às 6 da tarde.

VIDA (1926)

E rola e tomba e rola
uma bola
uma bolha
uma folha
no ar

ALPHONSUS (1919)

Corre em meu corpo o sangue de um asceta.
A pulsação de minha artéria tem
O ritmo da poesia deste poeta
Que me gerou cantando a dor e o bem.

Passa em minha alma o espírito do esteta:
Meu sonho altivo e minha mágoa vêm
Da doçura do verso deste poeta
Que me educou cantando a dor e o bem.

Alphonsus, sigo a estrada que me deste.
Meus versos, de tristeza ou de alegria,
De ti provieram para em mim nascer.

São imagem dos sonhos que tiveste
Quando meu pobre ser ainda vivia
No espírito e na carne do teu ser.

ELETROLA (1928)

Um ser perdidamente doce
Está sofrendo nesta tarde
Enquanto talvez na outra casa
Um par de seres amorosos
Arranca da carne e do espírito
Prazeres desesperados.

Enquanto minha alma confusa
Sofre aquela velha análise
Crepuscular.
Misto de desejo e de renúncia.
De desejo e de renúncia.
Sem tristeza e sem sentido.

Bota no meu prato a melhor chapa
– Nada porém de vozes amargas
Nem canções sentimentais.
No pick-up a agulha discreta –
E no silêncio a melhor música
Eletromecânica e merencória.

Depois fecha os olhos e fuma,
Esquece o chiado, esquece as dívidas
A esse desalento sem motivo.
Coisa tão rara hoje em dia
A gente assim se aniquilar.

TOADA DA ONDA (1926)

O diabo é que a vida
Nem sempre porém...
Toada da onda
Que vai e que vem.

Mas da onda daonde?
Até nem sei bem...
Ora bolas! Da onda
Que vai e que vem...

UNIÃO 15 DE NOVEMBRO (1926)

A sede da banda era uma casinha da ponte de areia.
Os sons se entrelaçavam com ramos dos ipês que tinham em frente.
Balançando ao vento.
A gente se assentava no largo patamar de pedra escutando.
E o córrego corria lá d'outro lado sem marulho
Remexendo estrelas com saudades do ouro de outrora.
“Vamos lá, Raimundo.” Té te... bum!
E o dobrado começava. Parava. Continuava.

Mas o Raimundo, negro almofada que tocava bombo,
Morreu de gripe.
Morreu antes da gripe a minha meninice
E a minha cidade de Mariana ficou na distância
Com a sua banda musical União 15 de Novembro.

Às vezes me deito na cama sem sono
De olhos fechados
E vem vindo na minha memória nos meus ouvidos
A banda que vinha vindo na rua Direita
Depois da retreta dominical.

O relógio da Sé batia 9 longas, 9 lentas badaladas.
Eu rezava 3 ave-marias, meio dormindo e:
“Com Deus me deito
Com Deus me levanto
Com a graça de Deus
E do Espírito Santo... Bênção Mamãe!”

“Deus te abençoe!”

E a banda distante quase surda parava na ponte:
Té te... bum!



Hora de sol baixo e oblíquo na Avenida Afonso Pena. Sorvetes, chopes, suores. Mulheres com os corpos escorregando dentro dos vestidos leves. Sexualidade no sol, no verde, na poeira. Preguiça. O sol maltrata os olhos. Mas a sombra das árvores copadas que atulhavam a avenida protegendo a pintura dos automóveis de praça era apetecida como um refresco baratíssimo, teórica sopa dos pobres na cidade trabalhando pelos complexos sexuais: grupos de rapazes, de homens feitos, se postavam em frente às ruas que desembocavam de viés na avenida para peneirarem as pernas femininas, forçadas a pouca roupa no verão aceso. No ponto, as moças lânguidas se deixavam devorar pelos olhares dos másculos. Depois, tomavam o bonde triste e, de volta aos lares, iam se tornando gradativamente honestas: os piratas desanimavam a meio caminho.

(João Alphonsus, *Totônio Pacheco*)

